



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CEILÂNDIA**

SÉRGIO MAURO ARÊAS CARNEVALE JÚNIOR

**AS MARCAS E OS SENTIMENTOS SOBRE A VIOLÊNCIA NAS RUAS:
UMA ANÁLISE DE DISCURSO COM A POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA (PSR)
DO DISTRITO FEDERAL (DF) NO PERÍODO DE 2017 A 2018**

CEILÂNDIA

2018

SÉRGIO MAURO ARÊAS CARNEVALE JÚNIOR

**AS MARCAS E OS SENTIMENTOS SOBRE A VIOLÊNCIA NAS RUAS:
UMA ANÁLISE DE DISCURSO COM A POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA (PSR)
DO DISTRITO FEDERAL (DF) NO PERÍODO DE 2017 A 2018**

Monografia apresentada ao Curso de Saúde Coletiva da Universidade de Brasília (UnB) – Faculdade de Ceilândia (FCE), como requisito para a obtenção do título de bacharel em Saúde Coletiva.

Orientador: Prof. Dr. Pedro de Andrade Calil Jabur

CEILÂNDIA

2018

SÉRGIO MAURO ARÊAS CARNEVALE JÚNIOR

**AS MARCAS E OS SENTIMENTOS SOBRE A VIOLÊNCIA NAS RUAS:
UMA ANÁLISE DE DISCURSO COM A POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA (PSR)
DO DISTRITO FEDERAL (DF) NO PERÍODO DE 2017 A 2018**

Monografia apresentada ao Curso de Saúde Coletiva da Universidade de Brasília (UnB) – Faculdade de Ceilândia (FCE), como requisito para a obtenção do título de bacharel em Saúde Coletiva.

Orientador: Prof. Dr. Pedro de Andrade Calil Jabur

Aprovada em: ____ de _____ 2018

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. **Pedro de Andrade Calil Jabur** (FCE/UnB)

Especialista **Tâmara Rios de Sousa** (Observatório da Saúde da População em Situação de Rua)

Bacharel em Saúde Coletiva **Cássio Henrique Oliveira da Conceição**

(Observatório da Saúde da População em Situação de Rua)

Dedico este trabalho a todas as pessoas em situação de rua, que algum dia passaram por algum tipo de violência e por conta disso, carregam marcas e sentimentos em suas trajetórias de vida.

“Eu sou contra a violência porque parece fazer bem, mas o bem só é temporário; o mal que faz é que é permanente”.

Mahatma Gandhi

AGRADECIMENTOS

Uma das virtudes mais belas do ser humano é agradecer. E por muitas vezes, é uma atitude tão simples, mas que se esquece de fazer. Aqui apresento os meus agradecimentos a tudo e todos aqueles que contribuíram de alguma forma para que eu pudesse chegar até aqui.

Primeiramente, agradeço a Deus, Nossa Senhora e tudo aquilo relacionado ao divino, por ter me dado forças, saúde e perseverança para superar todas as dificuldades encontradas durante a minha trajetória, mas que me fizeram crescer e aprender, para chegar aos meus objetivos dentro da graduação e na vida. Acredito que sem esta ajuda eu não teria forças para continuar estudando o que amo e defendo.

À minha família, que sempre esteve ao meu lado, sendo minha base e estrutura para lidar com todo e qualquer desafio na vida. Ao meu pai, pela sabedoria e por ser um exemplo de vida; à minha mãe, por ser uma guerreira em tudo o que já viveu; à minha irmã mais velha, Vanessa, que em um momento de vestibulando desesperado, me incentivou a conhecer a Saúde Coletiva e sempre foi meu espelho dentro da graduação; e à minha irmã mais nova, Anna Clara, por sempre me alegrar, com um simples sorriso e abraço, nos dias em que cheguei exausto e desesperado em casa. Sem vocês, definitivamente, eu teria desistido, espero poder retribuir todo este apoio um dia.

Aos meus avós paternos (Francisco e Iracy) e maternos (Manoel e Maria da Paz), que são quatro grandes exemplos que levo para a vida. Francisco, com toda sua alegria e juventude; Iracy, com toda sua paciência, amor ao próximo e sapiência; Manoel, com toda sua paz, tranquilidade e dedicação; Maria da Paz, com toda sua fé e batalha de vida. Agradeço ainda em comum aos quatro, por sempre fazerem de tudo e mais um pouco para agradar todos os netos, e que mesmo de longe fisicamente falando, sempre me apoiaram em minhas conquistas. Agradeço também ao seu Ferreira (em memória) e à dona Edna (em memória), meus “avós de Brasília”, que acolheram a mim e as minhas irmãs, nos amando e nos tratando muito bem, como se fôssemos seus netos de sangue.

À minha namorada, Yulie Stoffel, que sempre me apoiou, até nas situações mais simples, e sempre me acolheu psicologicamente e com atitudes nos momentos de desespero da graduação, como por exemplo, quando me emprestou sua casa, seu computador e sua

internet, quando eu estava sem internet em minha casa (nessa época éramos apenas amigos). E que com o namoro, continuou sendo ainda mais minha amiga e companheira, me apoiando nas minhas decisões, acompanhando meus passos na pesquisa, e sempre dizendo frases como: “hoje você vai é estudar, nada de sair”. Sei que não posso prever o futuro, mas sinto que a vida ainda nos reserva grandes surpresas e conquistas e agradeço por ter uma pessoa como esta ao meu lado neste momento de alegria e realização.

Não posso deixar de mencionar todos os meus familiares (tios, tias, primos, primas, e todos os outros), das famílias *Carnevale*, *Barros* e *Ferreira*, que pela quantidade, não conseguirei citar nome por nome, mas que sabem a importância que têm em meu coração e na minha vida, e que com certeza, fazem parte de todo o aprendizado que carrego. Agradeço por sempre terem acreditado em mim e que eu poderia um dia chegar a algum lugar. Família é base.

Representando a todos os citados acima, coloco aqui em especial meus padrinhos e madrinhas (Clécio, Cintya, Roberto e Cirley), que sempre tiveram o importante papel de cuidarem de mim, e que sempre que tiveram a oportunidade, me acolheram e me trataram como um filho. Por certo, vocês apareceram na minha vida com um propósito, e o cumprem com louvor, servindo de exemplo para mim.

Aos amigos e amigas que tive e tenho, por perto ou de longe, em diversos nichos e grupos sociais, que alguns desde a infância até hoje, e outros, de hoje para a vida, que sempre me apoiaram e incentivaram nos desafios que tive pela frente e que com atitudes simples, me cativaram e se fizeram presentes em momentos únicos e indescritíveis que tive ao longo da minha trajetória. Estes, de fato, sempre torceram por mim, e sabem que estão aqui citados, pela diferença que fazem na minha vida.

Aos amigos e amigas que a graduação proporcionou que eu pudesse conhecer, menciono aqui em especial boa parte da Turma XII da Saúde Coletiva e outros, que fundaram a famosa “Chapa Mainha”, que não existiu oficialmente como chapa, mas que desde o início do curso, em momentos de alegria e farra e em outros de grandes trabalhos e notas, manteve-se sempre unida de coração e alma, mesmo se separando nas matérias ou com os obstáculos e mudanças de curso ou de trajetória de vida (Alisson, Diego, Douglas, Érica, Felipe, Henrique, Israel, Lídia, Lina, Odete, Rodrigo, Ronald, Ronnie, Walter). E também a todos aqueles da Saúde Coletiva, de outros cursos, que por serem

muitos, não serei capaz de mencionar, mas que fizeram parte da minha trajetória acadêmica, e que muito me acrescentaram, em breves diálogos ou longas histórias. Cada um sabe da importância particular que tem em minha trajetória.

Aos amigos e amigas de viagens que a Universidade de Brasília me proporcionou, em especial as viagens do VERSUS, para São Paulo e Mato Grosso, que muito contribuíram para minha formação com suas experiências e trajetórias dentro dos cursos da saúde ou até mesmo da vida. São pessoas que de fato, fizeram diferença em uma ou duas semanas de convivência, mas que valeram por anos. Aproveito para agradecer a este projeto tão maravilhoso, que dá oportunidades únicas a quem participa, como no meu caso, de conhecer a Cracolândia, em São Paulo, que inclusive, serviu de inspiração para este trabalho; e uma aldeia indígena da etnia Xavante, no Mato Grosso, que muito acrescentou ao meu aprendizado, e onde aprendi a agradecer em seu vocabulário: “Hepari” (obrigado).

Mesmo caindo neste curso “de paraquedas”, aqueles que me conhecem sempre souberam do meu sonho de um dia estudar na Universidade de Brasília. Quando mais jovem, estava perdido, não sabia qual rumo seguir, até que decidi por comunicação social. Por três vezes, não consegui. Até que minha irmã (Vanessa) teve a brilhante ideia de me apresentar o curso de Saúde Coletiva e dizer que neste curso tem uma parte que trabalha com comunicação. Resolvi arriscar. Desde então, me apaixonei, pela universidade, pelo universo que ela proporciona, pela epidemiologia, pela economia, pela política, pela saúde, pelo SUS, mais ainda pela comunicação, e por fim e não menos importante, pela área social. Gratidão eterna por tudo o que a UnB me trouxe, junto à graduação, e por todo o aprendizado que levarei daqui, para o restante da minha trajetória. E muito disso, devo atribuir aos grandes professores que tive, que com o mínimo que seja, me incentivaram a batalhar e amar cada vez mais a UnB e o curso.

Aos estágios (obrigatórios e remunerado), projetos, congressos, seminários, palestras, vivências, encontros e tudo aquilo que tive a oportunidade de participar como estudante e a todas as pessoas envolvidas. Os aprendizados e momentos que tive com todos foram essenciais para a minha caminhada e muito me acrescentaram no meu crescimento pessoal e profissional.

Um agradecimento especial vai para meu orientador, Pedro Jabur, que mesmo me dando aula em apenas um dia na minha graduação, na matéria de Comunicação em Saúde,

incentivou ainda mais o meu interesse pela População em Situação de Rua e a seguir minha trajetória do TCC com este tema. Gratidão por ter me tratado sempre como um amigo, um colega de profissão, por ir às ruas comigo e por cada ensinamento, como por exemplo, olhar para a PSR como uma população que luta pela sobrevivência e utiliza-se de estratégias para isso, e não com olhos de piedade. Definitivamente uma honra ser seu orientando.

Não posso deixar de citar cada uma das pessoas que conheci durante as minhas saídas de campo e todas as histórias que ouvi e que tenho para contar diante de tudo o que passei quando saía por aí a procurar pessoas com histórias para contar. A rua guarda muitos saberes que devem ser explorados e descobertos. A rua é um mundo à parte, e isso me fez sonhar e acreditar que posso sim ser uma pessoa e um profissional cada vez melhor.

Finalmente, agradeço à Especialista Tâmara Rios de Sousa e ao Bacharel em Saúde Coletiva Cássio Henrique Oliveira da Conceição, ambos do Observatório da Saúde da População em Situação de Rua e também companheiros de curso e futuramente de profissão, membros da banca examinadora, pela disponibilidade de contribuírem na construção deste estudo, não só em sua avaliação, mas desde o seu início. É uma honra ter vocês participando ativamente deste momento grandioso da minha trajetória. Gratidão pelas contribuições pessoais acerca do trabalho de conclusão de curso.

O que é a rua para você?
É apenas passagem?
Ou tu buscas entender
Em cada passo uma mensagem?

E as pessoas que nela estão?
É apenas parte da paisagem?
Ou te chama atenção?
E você guarda a imagem (dos que estão à margem)?

O que é a rua?
De dia iluminada pelo sol,
À noite abrilhantada pela lua.

O que é a rua?
Uma fonte infinita
De verdade nua e crua.

A rua é repleta de histórias...
Derrotas e vitórias vividas em trajetórias.
Histórias que ficam guardadas na memória.
Na rua são “dias de luta, dias de glória”.

O que move a vida?
Na rua, muitas vezes é um pouco de comida.
A noite por muitos é temida,
E uma noite com medo, é uma noite perdida.

A rua está cheia de aventureiros...
Que deixam família e rodam um país inteiro.
Cada segundo na rua é uma nova aventura...
Na luz do dia ou na noite escura.

Para alguns a rua é alegria,
Desde que se saiba viver nela.
É sobreviver e viver, dia após dia,
Em cada maloca, esquina e viela.

CARNEVALE JÚNIOR, 2018.

CARNEVALE JÚNIOR, Sérgio Mauro Arêas. **As marcas e os sentimentos sobre a violência nas ruas: Uma análise de discurso com a População em Situação de Rua (PSR) do Distrito Federal (DF) no período de 2017 a 2018.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Saúde Coletiva, Universidade de Brasília, Ceilândia, 2018.

RESUMO

O objetivo deste trabalho consiste em analisar as histórias e trajetórias de vida da população em situação de rua do Distrito Federal (DF), com foco nos episódios de violência perpassados durante a trajetória na rua e relacionar com o que a literatura tem a dizer sobre violência no geral. A intenção é que o estudo contribua na construção de ideias e estratégias de políticas públicas voltadas para a população em situação de rua (PSR), trazendo a reflexão do que a violência proporciona para estas pessoas e como proporciona. Para isso, foi realizada uma pesquisa qualitativa com a PSR de alguns locais do DF, utilizando-se como método a análise de discurso para posteriormente discutir-se sobre os resultados alcançados. Desta forma, dividiram-se os resultados em segmentos, a fim de exemplificar os tipos de violência observados, se apoiando na literatura sobre violência apresentada no referencial teórico. Percebe-se então que a PSR, que é uma população vulnerável, acaba por desenvolver sentimentos de insegurança e medo por conta das marcas deixadas pela violência. Por fim, entende-se que podem se desenvolver estratégias por meio de políticas públicas que visem à diminuição da violência nas ruas e que o profissional sanitário tem um papel de relevância nesta questão.

Palavras-chave: população em situação de rua; violência; políticas públicas; saúde coletiva; análise de discurso; Distrito Federal.

ABSTRACT

The objective of this study is to analyze the histories and life trajectories of the street population of the Federal District (DF), focusing on episodes of violence during the trajectory in the street and relating to what literature has to say about violence in general. The intention is that the study contributes to the construction of ideas and strategies of public policies aimed at the street population (PSR), bringing the reflection of what violence provides for these people and how it provides. For this, a qualitative research was carried out with the PSR of the Federal District, using as discourse analysis method to later discuss the results achieved. In this way, the results were divided into segments, in order to exemplify the types of violence observed, based on the literature on violence presented in the theoretical framework. It is perceived that the PSR, which is a vulnerable population, develops feelings of insecurity and fear because of the marks left by the violence. Finally, it is understood that strategies can be developed through public policies aimed at reducing street violence and that the health professional plays a relevant role in this issue.

Key-words: population in situation of street; violence; public policies; discourse analysis; Federal District.

LISTA DE SIGLAS

CEP – Comitê de Ética em Pesquisa

CONASS – Conselho Nacional dos Secretários de Saúde

DF – Distrito Federal

IHBDF – Instituto Hospital de Base do Distrito Federal

MSTC – Movimento de Sem-teto do Centro

OMS – Organização Mundial da Saúde

ONG – Organização Não Governamental

OPAS – Organização Pan-americana da Saúde

PSR – População em Situação de Rua

SES – Secretarias Estaduais de Saúde

SUS – Sistema Único de Saúde

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

VERSUS – Vivências e Estágios na Realidade do SUS

WHA – World Health Assembly

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. JUSTIFICATIVA	20
3. REFERENCIAL TEÓRICO	22
3.1. O que é a violência e qual a sua origem?.....	22
3.2. Dificuldade na construção e coleta de dados.....	27
3.3. Violência e sua relação com a saúde pública.....	29
3.4. Violência nas ruas e as vulnerabilidades silenciosas impostas pelo estado.....	34
4. OBJETIVOS	39
4.1. Objetivo Geral.....	39
4.2. Objetivos Específicos.....	39
5. METODOLOGIA	40
6. RESULTADOS E ANÁLISE DE CAMPO	45
6.1. Apresentação dos entrevistados.....	45
6.2. Apresentação dos segmentos.....	48
6.2.1. Violência interpessoal.....	49
6.2.2. Violência pessoal ou vivenciada.....	56
6.2.3. Violência silenciosa.....	57
6.2.4. Sentimentos e a busca por segurança (à noite nas ruas).....	59
7. DISCUSSÃO	64
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	70
10. ANEXOS	76
10.1. Anexo A: Aceite do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).....	76

1. INTRODUÇÃO

A discussão sobre a população em situação de rua é um processo antigo, vindo desde o período do desenvolvimento urbano e pós-industrialização, portanto, se caracteriza há um bom tempo como objeto de estudo social (Caravaca-Morera e Padilla, 2015). Em contrapartida, Mendes (2011) afirma em seu levantamento bibliográfico que a maioria destes estudos se concentra nos últimos anos, e que a maioria enfatiza questões sociais como fatores de explicação para a existência de pessoas à margem da sociedade dita como formal, que goza de estar presente no mercado de trabalho e ter moradia fixa (Mendes, 2011).

Corroborando e fortalecendo esta afirmativa, Kasper (2006) traz uma classificação de três perspectivas de temáticas que são utilizadas nestes estudos sobre pessoas em situação de rua, sendo elas: exclusão, políticas sociais e uma terceira, sobre formas de sociabilidade entre a população de rua, sendo esta última menor em quantidade com relação às outras. Já De Lucca (2007), avalia em seu trabalho, uma cota de estudos que têm como foco a trajetória de exclusão dos indivíduos, com o objetivo de interpretar e analisar o que os levou a estarem em situação de rua.

De acordo com Bento e Barreto (2004), destaca-se a existência de alguns fatores no que diz respeito às pesquisas que trazem em seu desenvolvimento a trajetória dos indivíduos em situação de rua, que são percebidos nos resultados dos estudos. Estes fatores podem assim ser agrupados: a questão das perturbações psiquiátricas (e consequentemente do uso abusivo de álcool e/ou drogas); a noção de exclusão ou déficits educacionais e profissionais; a ideia de identificação e representações culturais e o processo de construção e reconstrução de vínculos e relações.

Ainda sobre quem são as pessoas em situação de rua, nota-se na literatura que há uma gama de significados e conceitos utilizados nas relações sociais, que são influenciados por diversos estigmas referenciados a esta população. Percebe-se que a visão que se tem sobre quem são as pessoas que vivem em situação de rua vai muito do individual, porém, na maioria das vezes, desdobra-se uma visão pejorativa, como dito neste parágrafo:

Observa-se, assim, a existência de representações sociais pejorativas, em relação à população em situação de rua, que se materializam nas relações sociais. Vagabundo, preguiçoso, bêbado, sujo, perigoso, coitado, mendigo... São designações comuns dirigidas às pessoas em situação de rua. (Mattos et. al. 2004. p.47)

“Sobrantes” (Castel, 1997), “jogadores incapacitados” (Bauman, 1997), “marginais” (DeLucca, 2011), “mendigo” (linguagem popular), estes são apenas alguns dos nomes tidos como referências utilizadas à população em situação de rua, seja na literatura ou no dito popular. O que existe em comum entre as terminologias citadas, é o contexto em que a elas está envolto, remetendo ao crescimento e globalização da sociedade, que na situação atual, acaba por criar uma espécie de competitividade entre as pessoas, levando à desigualdade em diversos aspectos (Costa, 2005).

Dentro deste contexto, estão as pessoas em situação de rua, que se formam heterogeneamente, constituída por indivíduos das mais variadas faixas etárias, gêneros, etnias, crenças e afins, mas que têm em comum o fato de serem excluídos da sociedade dita como formal (Costa, 2005). A designação ‘excluídos’ é entendida como se referindo a questão de que eles estão à margem da sociedade, ou ainda, como parte da paisagem urbanística, que para a maioria das pessoas, não chama a atenção.

Ainda acerca de denominações, Castelvechi (1985) aponta que – a partir do final da década de 70, com o surgimento de uma Pastoral de Rua e da Comunidade dos Sofredores, a denominação “sofredor de rua” passou a ser adotado tanto por instituições, destacadamente as não governamentais e as religiosas, como pelos próprios sujeitos. O sentido, segundo o autor, é justamente destacar uma situação de carência e fragilidade e destacar uma grave miopia por parte das redes oficiais de saúde e de assistência social.

Além disso, para endossar ainda mais a complexidade da variabilidade de denominação designada a esta população, englobam-se também os adjetivos pelos quais os próprios sujeitos se relacionam. De acordo com Varanda e Adorno (2004), existem nomeações comuns entre eles, como por exemplo, o termo “maloqueiro”, que se referencia justamente à maloca ou mocó - lugar de permanência de pequenos grupos durante o dia, ou usado para o pernoite, com, normalmente, colchões velhos, algum canto reservado para os pertences pessoais (roupas e documentos) e, às vezes, utensílios de cozinha. Já os “albergados”, como o próprio nome sugere, se refere àqueles que se utilizam de albergues. Os “trecheiros” são aqueles que viajam de cidade em cidade, muitas vezes por motivos trabalhistas, que seria o oposto de “pardais”, que são indivíduos que se fixam em um determinado local e não trabalham.

Importante e válido ressaltar ainda, que esta gama de denominações pode ser ainda maior, em termos de Brasil, a depender da região do país e suas gírias. Além disso, atrela-se também a um possível chamamento, o modo de vida do indivíduo, como os usuários de álcool, que são chamados de “bebuns” ou outras drogas, que são chamados de “noia” ou “noinha” (Varanda e Adorno, 2004). Por fim, Bento e Barreto (2002) trazem ainda especificidades como “vagabundo” (sem rumo), “vadio” (aquele que não trabalha), “indigente” (pobre), “sem-abrigo”, entre outras, que aumentam a riqueza de representações associadas à população em situação de rua. Ou seja, da maneira mais formal àquela mais peculiar, são diversas as terminologias dadas à esta população ao longo da história. Isso acaba por causar uma indefinição própria desta população, além de classificar e hierarquizar seus indivíduos (Declerck, 2006).

Porém, hoje existe uma terminologia um pouco mais formal, definida no Decreto Presidencial nº 7.053, de 23 de dezembro de 2009, que institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua, que diz que a população em situação de rua tem em comum a situação de pobreza extrema, debilidades familiares e de moradia, mesmo que seja um grupo heterogêneo, ou seja, cada um com uma história de vida diferente dos demais (Brasil. p. 13. 2012). Então, de acordo com este decreto e com o desenvolvimento dos movimentos sociais, surgiu a terminologia População em Situação de Rua (PSR), que torna o conceito ainda mais amplo e adequado.

Além disso, a conceituação como População em Situação de Rua torna-se importante, pois ao longo das últimas décadas, a PSR está sofrendo um processo de mudança de tratamento social e político. Isso se dá em resumo, por conta do aumento de pessoas vivendo na rua, tendo como um dos principais fatores a situação econômica e as desigualdades que se instalam, além de um gradual atendimento a essa população, fazendo com que aumente a sua visibilidade e representatividade, em diversos âmbitos (Frangella, 2004). Para além disso, a autora coloca os depoimentos e histórias de vida de “gente de rua” como um dos fatores da maior visibilidade da PSR.

Escorel (2000) distingue “pessoas em situação de rua” e “moradores de rua”, de forma que a diferença entre eles é que os moradores de rua são os que usam a rua como moradia de forma permanente, ou seja, pessoas que tem a rua como seu habitat. Já as pessoas em situação de rua são as que as usam por um período restrito, ou seja, cuja permanência na rua não é vitalícia. Outros autores alertam sobre a possibilidade da definição de uma situação de rua englobar diversas especificidades, sendo definidas a partir exatamente do tempo e forma como o indivíduo está em relação a esta situação de rua: ficar, estar ou ser da rua (Vieira et. al.).

Portanto, para entender quem são estas pessoas, mais precisamente em seu individual, é preciso compreender o modo de vida de cada uma, o que perpassam diariamente e como fazem para sobreviver nas ruas. Para Kunz, o modo de vida pode ser assim definido:

“[...] maneiras de viver que são tecidas em meio aos exercícios éticos e aos valores morais. O modo de viver é fabricado nas relações sociais, e é processo de construção sempre coletiva” (Kunz. 2014, p. 88).

Por vezes interagimos direta ou indiretamente com pessoas em situação de rua, visto que elas fazem parte do cenário atual de qualquer espaço público, porém, percebe-se que nestas interações, não conhecemos de fato quem são eles (Mattos e Ferreira, 2004). Com isso, faz-se importante compreender a situação e história de vida destas pessoas, que é um dos pontos focais deste trabalho, com um recorte para as marcas de violência existentes nestas histórias, que estas pessoas perpassaram durante suas vidas nas ruas.

São diversos os fatores que levam à situação de rua, e Maria Lúcia Lopes, em seu estudo relacionado à temática, afirma que essa questão multifatorial pode se dividir em fatores estruturais, que dizem respeito a condições sociais, como moradia e renda; biográficos, que em resumo, seria a história particular do indivíduo; e ainda, os fatos da natureza, que seria o caso de terremotos e outros desastres naturais (Lopes, 2006

Como já supracitado cada uma destas pessoas tem por trás uma história de vida, uma gama de situações passadas que contribuíram ou não para a sobrevivência nas ruas. O termo sobrevivência nas ruas se refere a todas as estratégias que a PSR utiliza para poder ter acesso ao menos às necessidades diárias de uma pessoa comum, como tomar banho, se comunicar, tomar água e se alimentar. São situações simples e fáceis de acesso para a maioria da população dita formal, porém, nas ruas é necessário buscar meios para que se consiga realizar estas ações. Caravaca-Morera e Padilla (2015) elucidam um pouco mais este contexto, nestes dois trechos:

Com o passar do tempo, os moradores de rua aprendem e criam estratégias para sobreviver nessa floresta de concreto. Algumas dessas pessoas adotam as ruas como suas casas desde a tenra idade, outras o fazem durante a juventude ou já adultas, isso pode ser explicado por diversas razões, como: a neo-globalização e a própria questão social (a pobreza) denominada por Marx e outras determinantes tais como o alcoolismo, dependência química, violência familiar ou algumas doenças mentais.

Neste contexto urbano, a satisfação das necessidades básicas como dormir, comer, trabalhar, estudar ou a realização da higiene pessoal se tornam lutas e tarefas quase impossíveis de serem realizadas [...]

Ainda no contexto de sobrevivência, deve-se destacar o fato de que algumas destas pessoas que vivem em situação de rua já passaram em suas vidas por algum (s) episódio (s) de violência, independente de qual seja a natureza. Para início de definição, dicionário Aurélio (1999) traz sua definição de violência como um ato de opressão, constrangimento físico ou moral exercido sobre alguém.

Faz-se ainda necessário entender qual o cenário em que estas pessoas estão, ou seja, o que é a rua, e todos os significados que ela traz. Desta maneira, ainda de acordo com Caravaca-Morera e Padilla (2015), traz-se uma definição abstrata do que são as ruas:

[...] a rua é um contexto urbano que passa ser o palco de múltiplos acontecimentos, fatos e representações que são construídos pelas diversas subjetividades e especificidades dos agentes que nela transitam. Algumas pessoas só caminham pela rua sem desvelar um significado próprio para ela, mas tem outras que se apropriam deste espaço urbano para torná-lo seu habitat, seu lar e a partir disso atribuem sentidos, constroem sentimentos, elaboram códigos, identificações e apegos.

Portanto, a partir do pressuposto, é que este trabalho irá se utilizar do termo “situação de rua”, não se definindo o sentido, mas como maneira de compreender a multiplicidade que a rua traz, a partir das situações que se encontram nela. Sim, situações, pois nas ruas encontram-se várias delas. Em paralelo, entende-se que “situação de rua” é uma forma de adequar-se à nomenclatura usual, facilitando a análise e conversa junto às políticas públicas.

Além disso, durante o trabalho, mais precisamente no referencial teórico, buscam-se tentar explicar, por meio da literatura, as definições sobre a violência, sua origem e suas implicações no contexto social, principalmente relacionando com a população em situação de rua. Vale mencionar que não é objetivo do estudo definir o que é violência ou refletir fortemente sobre suas definições, porém, fez-se necessário aprofundar um pouco nesta temática, para poder relacionar com as histórias de vida das pessoas entrevistadas durante o campo.

Esta ideia de se atrelar a PSR à violência apoia-se na Política Nacional para a Inclusão Social da População em Situação de Rua, que tem como um de seus princípios a supressão de atos violentos e como uma de suas diretrizes, a implementação de políticas e ações para melhorias quanto aos fatores determinantes e influenciadores para a população de rua, podendo destacar aqui a segurança (MDS. 2008). Apoia-se ainda no Manual sobre o cuidado à saúde junto à população em situação de rua, que prioriza a discussão sobre a criação de uma política pública de saúde para a população em situação de rua.

A ideia inicial de pesquisa do presente trabalho surgiu por conta da proximidade que o pesquisador teve com a temática durante seu percurso acadêmico, e as curiosidades que foram sendo despertadas sobre a população em situação de rua. Dentre estas curiosidades, estava a temática da violência atrelada aos meios com que a PSR utiliza para garantir sua sobrevivência. Daí surgiu o intuito de explorar um pouco mais esta curiosidade através de uma pesquisa, onde se esperou entender como a violência é vista, vivida e enfrentada nas ruas, e quais relatos podem contribuir para a construção de uma conceituação baseada em fatos.

2. JUSTIFICATIVA

Os estudos com a população em situação de rua mostram-se importantes, pois nota-se que ainda existe um grande estigma por parte da população e dos órgãos governamentais, por não conhecerem quem são estas pessoas e o que elas passam diariamente em suas vidas. Com isso, os estudos e práticas com esta população podem trazer à tona assuntos ainda não discutidos dentro das políticas públicas, para conhecimento e melhoria da qualidade de vida da PSR.

Segundo levantamento bibliográfico realizado por Mendes (2011) entende-se que apesar de ser um assunto muito presente em textos apresentados em seminários e congressos, de autoria de organizações não governamentais (ONGs), igrejas ou do próprio poder público, o contexto de população de rua tem grande parte das suas pesquisas realizadas apenas nos últimos anos (Mendes, 2011). Este fator acaba fazendo com que o assunto não seja bem entendido e difundido pelas mais variadas esferas, o que denota o descaso a esta temática por parte da sociedade. Sabe-se ainda que o hábito de viver ou estar nas ruas, vai muito além de um simples fato, pois é uma situação multifatorial, que envolve diversos contextos (Caravaca-Morera e Padilla, 2015).

Já a problemática da violência vem ganhando grande importância no meio acadêmico em nosso país, acumulando uma gama de conteúdo, talvez pelo fato de ser tida como um problema social de grande relevância para que fossem desenvolvidos estudos mais aprofundados, com populações e grupos específicos, fazendo com que isso gere cada vez mais debates acerca do tema (Zaluar, 1999; Adorno, 2002). Identificou-se que poucos ou raros estudos relacionados com violência têm em seu foco a PSR, que talvez seja uma população mais suscetível a este fator, visto que se enquadra em uma das populações em situação de maior vulnerabilidade.

É certo que não é o objetivo que a produção acadêmica resulte em erradicar ou diminuir a violência, mas sim, que ela seja uma fonte de produção de conhecimento que venha a auxiliar em políticas públicas e ações que visam a diminuição da violência. Ou seja, a produção científica não age diretamente com o problema da violência, mas indiretamente, tem sido uma grande influenciadora de soluções.

[...] a reflexão acadêmica soube delimitar quando, como e onde se fazia pertinente construir o problema social como questão sociológica, resultando daí um considerável avanço no processo de conhecimento sobre o fenômeno. Não se pode, por certo, concluir daí que este maior conhecimento resulte automaticamente em menos violência. Mas, também, não é menos verdadeiro que a produção científica da área pode ser – e, eventualmente, tem sido – fonte de subsídio para as políticas públicas de

segurança. Ainda que à universidade não caiba instrumentalizar a atuação ou a função da segurança pública, a maior proximidade entre estes campos tem configurado parcerias inexistentes e mesmo impensáveis até há bem pouco tempo, com ganhos e perdas para ambos os lados [...] (Porto. 2010. p. 19)

Segundo Oliven (2010), por vezes o cientista social que trabalha com a violência é rotulado como quem não tem o que fazer e que não tem capacidade de buscar soluções imediatas para resolução dos problemas. Porém, mais do que a buscar solucionar o problema em questão imediatamente, o estudo acadêmico tem em sua essência a busca pelo maior conhecimento, seus fatores e o que está atrelado ao problema, não deixando de se levar em conta, claro, estatística oficial, como informações que auxiliem na construção do contexto da violência.

Compreende-se que, em um estudo sobre violências, torna-se importante considerar as estatísticas oficiais não como fatos indiscutíveis, mas como informação integrada ao contexto em que foram produzidas, sendo atravessadas em sua produção por situações heterogêneas, condições insatisfatórias e pelos sentidos diversos atribuídos pelos profissionais em seu registro. É importante levar em conta a complexidade, a ambivalência e a contaminação presentes nas fontes oficiais. Mesmo assim, se forem avaliados seus limites e potenciais, podem ser consideradas como indicadores que possibilitam identificar tendências, e podem ser complementadas através de outras pesquisas quantitativas e qualitativas. (Bonamigo et. al. 2011. p. 803 – 804)

Diante disso, espera-se que o estudo contribua na divulgação e construção de conceitos de como estas pessoas vivem, como enfrentam as atividades diárias, o que fazem para sobreviver cada dia, e ainda, conhecer as mais variadas histórias que se escondem por trás do que vemos apenas como imagens às margens da sociedade. Pretende-se ainda, com isso, que o estudo contribua na visibilidade da PSR com relação às violências sofridas e vividas por esta população, visto que são assuntos muitas vezes omitidos, ou até mesmo desconhecidos, que marcam apenas a história de vida destas pessoas. O trabalho funciona então, até mesmo, como um método de escuta a tais histórias de sobrevivência e violência.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1. O QUE É A VIOLÊNCIA E QUAL A SUA ORIGEM?

Neste capítulo, busca-se entender a definição e a origem da violência, com a reflexão baseada em autores e instituições, como a Organização Mundial da Saúde (OMS), que já estudaram e trabalharam com este tema. Ressalta-se que as definições e origens utilizadas foram escolhidas de acordo com o que mais se relaciona com o objetivo do estudo realizado, pois como será visto adiante, são inúmeras as teorias existentes sobre a definição e origem da violência, e a utilização destes mais variados contextos iria inviabilizar e desfocar o andamento do trabalho.

Para início de um debate, vale voltar a mencionar aqui, a definição de violência comentada na introdução deste trabalho, contida no dicionário Aurélio, que é tida como um ato de opressão exercido por alguém, que no seu desenrolar, acaba trazendo uma situação de constrangimento por parte das pessoas que a sofrem. Nesta linha de raciocínio, com o auxílio da literatura, busca-se discutir ainda mais o que significa o termo violência para alguns autores, além da sua origem, fazendo com que se trace um paralelo atrelando o pensamento de tais autores. Vale mencionar ainda, que o conceito de violência pode variar de pessoa para pessoa, tudo depende de inúmeros fatores, como a sua história de vida e o que esta pessoa considera como sendo violento ou não, fato que será discutido mais para frente em outras etapas do trabalho e que pode ser percebido neste trecho de Sacramento e Rezende (2006):

[...] devemos entender que a violência não será igualmente percebida ou vivida por todos. Ou seja, poderá se associar ao gênero, a outros elementos como idade, condições familiares, sociais, econômicas e culturais, sem existir um caráter genérico de como é entendida e assimilada por cada pessoa [...]

Em relação ao termo violência, segundo Sacramento e Rezende (2006) entende-se que ele tem uma “natureza polissêmica”, ou seja, de acordo com suas definições, tem validade em diversas situações cotidianas e sociais, desde um simples mau trato verbal até um homicídio. Acrescentando e corroborando com a afirmativa destes autores, Minayo (2005), diz:

A violência não é uma, é múltipla. De origem latina, o vocábulo vem da palavra vis que quer dizer força e se refere às noções de constrangimento e de uso da superioridade física sobre o outro. No seu sentido material o termo parece neutro, mas quem analisa os eventos violentos descobre que

eles se referem a conflitos de autoridade, a lutas pelo poder e a vontade de domínio, de posse e de aniquilamento do outro ou de seus bens. Suas manifestações são aprovadas ou desaprovadas, lícitas ou ilícitas segundo normas sociais mantidas por usos e costumes naturalizados ou por aparatos legais da sociedade. Mutante, a violência designa, pois – de acordo com épocas, locais e circunstâncias – realidades muito diferentes. Há violências toleradas e há violências condenadas.

Diante desta colocação da autora, percebe-se que a violência não pode ser entendida como uma situação isolada, com uma única explicação e um único sentido, mas sim, como uma ação que traz consigo diversos significados e contextos, visto que se relaciona fortemente com o indivíduo que a comete e com o indivíduo que a sofre, com suas culturas, regimentos, épocas, circunstâncias, e, portanto, cada ato violento tem em sua essência uma realidade particular.

Em se tratando da definição de violência, a OMS (2004) assim define:

[...] O uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação [...]

O texto continua explicando a definição citada e a conclusão que se pode inferir da mesma, apontando para o fato de esta definição ser em tese excludente, pois acaba por levar em conta especificamente a intencionalidade do ato violento e suas implicações, o que leva ao entendimento de que acidentes de trabalho ou de trânsito não seriam formas de violência. Ainda se discute a colocação da frase “uso intencional da força física ou de poder”, o que dá uma ideia de intimidação, abuso ou autoridade por parte de quem comete o ato. Um aspecto importante desta definição está no trecho que se refere ao que a violência pode resultar. Ainda se baseando no texto estudado, percebe-se que a definição em questão, traz consigo algumas consequências da violência que vão além de lesões ou mortes, como os danos psicológicos, tanto de quem comete, quanto de quem sofre o ato, intencional ou não, que por vezes não são levados em conta e que podem ser momentâneos ou de longa duração (OMS, 2004).

Muitas formas de violência contra mulheres, crianças e idosos, por exemplo, podem resultar em problemas físicos, psicológicos e sociais que não necessariamente levam a lesões, invalidez ou morte. Essas consequências podem ser imediatas, bem como latentes, e podem perdurar por anos após o abuso inicial. Portanto, definir os resultados somente em termos de lesões ou mortes limita a compreensão da totalidade do impacto da violência sobre as pessoas, as comunidades e a sociedade como um todo. (OMS. 2004. p.5)

A violência pode ser interpretada também no sentido de infringir o espaço ou o direito do próximo, sabendo que cada cidadão tem a sua liberdade e que na medida em que a violência é sofrida, isso atinge o individual de quem a sofre, por meio do uso da força de quem a comete, seja essa força de qualquer natureza (Minayo, 2005). Esta afirmação conversa com o que já havia dito Zaluar (1999), que associa a percepção de limite com a violência, ou seja, o ato violento em si, quando cometido contra alguém, vai atingir o limite deste alguém, causando consequências prejudiciais para quem sofre, seja pessoal ou coletivamente. Vale ressaltar que a percepção de limite e de ato violento, pode variar de acordo com a cultura e a história do indivíduo ou da população.

As dificuldades de se conceituar a violência são visíveis na literatura, e isso se explica pelo fato de que a definição do termo, assim como o entendimento prático do ato, depende de diversos fatores e de maneira geral, de como, aonde e por quais atores ela é vivida. A fenomenologia da violência perpassa ainda pelo entendimento popular da sociedade em que ela ocorre, pois em todas as culturas existe uma certa tolerância do que se pode ou não fazer, seja isto regido por lei ou não (Minayo, 2005).

Ainda se discutindo sobre conceitos da violência encontrados na literatura, menciona-se um contexto que identifica a temática como algo crescente, que vai se expandindo pelos setores da sociedade, em diversos âmbitos, seja de maneira local ou global. E ademais, reafirma que o conceito além de não ser um só, é mutante, ou seja, passa por um processo contínuo de mudanças ao longo do que vai sendo considerado como atitude ou ação violenta, por assim dizer (Abramovay et. al. 2012).

Para aprofundar um pouco mais a discussão, a OMS (2004) traz ainda aspectos interessantes acerca da violência, perpassando pela sua participação no histórico da humanidade, seu impacto, suas definições, fatores de risco e a tipologia. Quanto à participação, apoiando-se em outra fonte, entende-se que a violência sempre foi algo muito ligado ao ser humano, que por sua vez, mantém relações sociais a todo tempo, alimentadas pelas mais variadas formas de comunicação e nas mais variadas civilizações e sociedades (Minayo, 2005). Essa ligação existe, pois, a violência mantém presença na vida humana desde seus primórdios, e por conta disso, busca-se entender e formar teorias sobre a temática e sua relação com a sociedade (Minayo, 1994).

Um ponto que merece destaque é em relação ao crescimento e à proporção que a violência vem tomando desde suas origens, fazendo-se presente em todo o mundo, em diversos âmbitos e por diversas causas. Isso a configura quase que como uma epidemia, que de pouco a pouco vai tomando conta dos espaços. Esta ideia é explicada neste trecho:

Maiores que toda e qualquer pandemia infecciosa, a violência toma conta do mundo inteiro. Sem causa específica, atribuída a todo tipo de falta ou insuficiência, tendo sido concentrada nas grandes guerras ou nas guerras coloniais mais remotas aos centros em conflito, a violência se apresenta mais difusa a cada dia e assim vai se configurando em lugar comum, uma epidemia que se transforma numa endemia conhecida de todos, crescendo entre a miséria e a opulência, cada vez mais naturalizada e menos estranha ao olhar acostumado. Violência não é natural, mas resultado exatamente do desequilíbrio das nossas relações sociais, econômicas e políticas, o mais cruel dos produtos que acabamos gerando em nome do crescimento econômico, da transformação de tudo em mercadoria, da civilização ocidental que se mundializa sob a égide do capitalismo global (CONASS. 2007. p. 14 e 15).

Ao pensar-se na origem da violência e quais os fatores que levam as pessoas a desenvolverem atos violentos, nos deparamos com diversas situações e fatos, cada qual com suas particularidades, que trazem a reflexão de que não existe um padrão ou uma definição única que seja, sobre o porquê de acontecerem os atos violentos. A Organização Mundial da Saúde (OMS), em seu relatório mundial sobre violência e saúde da World Health Assembly (WHA 49.25, 2002), tenta explicar um pouco mais essa complexidade, apresentando fatores que podem acarretar a violência:

Não há um fator único que explique por que algumas pessoas se comportam de forma violenta em relação a outras, ou porque a violência ocorre mais em algumas comunidades do que em outras. A violência é o resultado da complexa interação de fatores individuais, de relacionamento, sociais, culturais e ambientais. Entender como esses fatores estão relacionados à violência é um dos passos importantes na abordagem de saúde pública para evitar a violência.

Como já visto em outros autores, a violência é multifatorial, ou seja, dificilmente vai estar relacionada a apenas um único fator específico, possivelmente outros fatores de risco estarão envolvidos àquela implicação de uma ação violenta, e isso acaba por ocasionar que em um único acontecimento, exista mais de um tipo de violência no contexto. Estes fatores, por sua vez, são explicados como fatores biológicos e individuais, porém, estes podem estar atrelados a fatores ditos como sociais, ou seja, que se relacionam com a vida social do indivíduo, podendo ser fatores familiares e/ou culturais, que contribuam para motivar o ato violento (OMS, 2004).

Enquanto alguns fatores de risco podem ser únicos para um determinado tipo de violência, os vários tipos de violência normalmente compartilham alguns fatores de risco. As normas culturais predominantes, a pobreza, o isolamento social e fatores como abusam de álcool, abuso de substâncias e acesso a armas de fogo são fatores de risco ligados a mais de um tipo de

violência. Como consequência, não é raro que algumas pessoas sob risco de violência vivenciem mais de um tipo de violência [...] (OMS, 2004, p. 12).

Trazendo uma definição mais específica e já adiantando uma breve relação de saúde e violência, vale citar aqui Sacramento e Rezende (2006), que trazem uma reflexão de que a violência pode ser encarada como “ausência de saúde por parte de quem pratica a violência e que pode comprometer a saúde física e mental das vítimas”. Essa afirmativa nos leva a começar a pensar a violência em outros âmbitos que não só nas tentativas de definição de cunho denotativo e contextual, mas sim, de maneira mais relacionada com a prática, com o que interfere na relação indivíduo-ação.

Um fator interessante e de relevância que diz respeito à violência trazido em OMS (2004) é a questão da intencionalidade do ato violento, visto que ela se refere tanto ao ato em si, quanto às suas consequências, pois o autor da ação, pode ter a intenção de ser violento, porém, a consequência final de sua atitude, pode não ser a intenção que ele tinha ao cometê-la. A intencionalidade também pode estar associada à determinação cultural e percepção do indivíduo que a comete, pois para ele, aquela atitude não necessariamente pode ser considerada como violenta, e pode sim, ser uma situação aceitável dentro do seu histórico de vida (OMS, 2004). Uma pessoa que convive com a violência desde a sua infância, quer seja com o pai batendo em sua mãe, quer seja com a influência de colegas de escola em brigar, possivelmente vai levar essas marcas para a vida adulta, podendo ver aquela atitude com normalidade na realidade em que viveu e vive (*As origens da agressão – CONASS, 2016*)

A violência então, não deve ser encarada como um ato que depende unicamente de um fator isolado, mas sim, como algo multifatorial, que pode ou não englobar diversos motivos à uma única situação, dependendo de como a situação seja desenrolada, do seu cenário e do que motiva ao acontecimento, ou seja, os fatores listados pelos autores (individuais, de relacionamento, sociais, culturais e ambientais), podem coexistir entre eles, conforme a motivação do ato violento. Se o cenário, supondo, fosse a rua, a depender da situação, ela poderia ser motivada por fatores individuais ou até mesmo culturais. Ao final do trecho, os autores ainda relatam sobre os passos que a saúde pública pode tomar para tentar evitar a violência. Isto será discutido mais profundamente em outro capítulo do presente estudo.

Por fim, ainda sobre a definição da violência destaca-se aqui um trecho de uma conclusão de Minayo (2005), que de certa forma, resume objetivamente o que se enxerga sobre a violência e seus múltiplos conceitos e contextos: “(...) Encerrar a noção de violência numa definição fixa e simples é expor-se a reduzi-la, a compreender mal sua

evolução e sua especificidade histórica”. Portanto, segundo a autora, não se deve restringir a conceituação de violência, e sim, entendê-la como algo complexo e cheio de significados, onde se busca continuamente entender suas origens e explicações. E para encerrar este pensamento, uma frase do CONASS Documenta 16 (2008), que diz: “Ela é um fenômeno complexo, que pela angústia avassaladora que traz, merece um tratamento mais amplo e eficaz [...]”

3.2. DIFICULDADE NA CONSTRUÇÃO E COLETA DE DADOS

Com base na literatura estudada, além da preocupação em desdobrar-se a origem da violência, o seu contexto histórico e o seu conceito, percebe-se também como fator preocupante a busca de dados relacionados aos atos violentos que ocorrem. Entretanto, existe uma grande dificuldade na coleta destes dados, pois se entende que nem todo tipo de violência resulta em lesões ou morte, que são características factíveis de contabilização (OMS, 2004). Diante disso, busca-se elucidar esta problemática, a partir da tese de alguns autores.

De início, discute-se que a violência não tem um padrão distributivo entre aspectos como gênero e faixa etária, mas que na verdade, assim como outros problemas relacionados à saúde, tem uma distribuição desigual quando se leva em conta os indicadores utilizados (OMS, 2004). Vale destacar que essa comparação trazida pelo autor se relaciona apenas aos dados referentes à homicídios, não levando em conta situações violentas que não necessariamente resultam em morte. Essa observação será o ponto da chave da discussão que será realizada neste capítulo, a começar pela citação do trecho que se segue:

Os números referentes à mortalidade, contudo, são apenas um dos tipos de dados possíveis para descrever a magnitude do problema. Uma vez que os resultados não fatais são muito mais comuns do que os fatais, e posto que certos tipos de violência não estão totalmente representados pelos dados de mortalidade, são necessários outros tipos de informação. Essas informações podem ajudar na compreensão das circunstâncias dos incidentes específicos e na descrição de todo o impacto da violência na saúde das pessoas e da comunidade. (OMS. 2004. p. 7)

Portanto, dada a dimensão dos dados não fatais, infere-se que é necessária uma maior importância com esta categoria da violência. O texto ainda faz um levantamento de quais seriam as informações que auxiliariam na busca destes dados, que em resumo, são informações referentes à relatos pessoais, indicadores sociais,

dados econômicos e políticos, dados criminais, sobre doenças e ainda, outros problemas de saúde. É interessante destacar um tipo de dado trazido no texto, que se refere aos “autos relatos” dos indivíduos, que em sua maioria não são qualificados e muito menos quantificados, mas que podem ser classificados em relatos que têm em seu conteúdo episódios de violência, que podem ser motivados por fatores como crenças, práticas culturais e comportamentos.

Quando se trata apenas do número de óbitos em ações violentas, ou seja, dados sobre homicídio, se refere apenas à “ponta do iceberg”, considerando que envolto ao sentido da violência, existem inúmeras situações em que não se têm lesões graves ou morte como desfecho, e com isso, não se leva em conta aspectos relacionados ao impacto deste problema de saúde (CONASS, 2007). E, ainda em OMS (2004), destaca-se que mesmo não havendo uma dimensão quantitativa exata, tanto em âmbito nacional quanto internacional, diariamente acontecem ataques violentos que não têm a necessidade de recorrer ao serviço de saúde, e que além disso, os sistemas de vigilância ainda não se encontram preparados de fato para o processo da coleta de dados até mesmo daqueles ataques que chegam a terem lesões graves ou óbito como resultado final.

Diante do que já foi apresentado até aqui, percebe-se que os dados sobre violência ainda precisam de uma maior exploração, visto que ela ainda não é um problema de saúde bem conhecido e definido em todos os seus âmbitos, inviabilizando uma visão total de sua dimensão, tornando-se até mesmo uma “epidemia silenciosa” (CONASS, 2007). O autor ainda destaca que mesmo com todo o percentual ainda não explorado da temática, ela causa uma grande repercussão social, especificamente no setor saúde.

Ainda em relação aos dados que são necessários quando se trabalha sobre a violência, precisam ser incluídos no estudo dados diversificados, que levarão à diferentes resultados, fazendo com que a pesquisa se torne mais completa e precisa, visto que se levará em conta diferentes aspectos do tema. Estes dados precisam estar pautados no que diz respeito principalmente à magnitude e impacto da violência, ou seja, qual a consequência daquele ato; é essencial que se compreenda quais são os fatores que fazem com que os indivíduos sejam mais suscetíveis à vitimização e o que induz as ações violentas, ou seja, precisa-se entender as motivações de tais atos e o que faz com que certas populações sejam mais vulneráveis à eles; por fim, faz-se necessário que se

conheça métodos (programas, projetos) relacionados à prevenção dos atos violentos (OMS, 2004).

Pode-se inferir que, em âmbito nacional, mesmo com a debilidade na construção de dados precisos, aparentemente a violência teve um crescimento desde a década de 60, se relacionando mais com os fatores que fazem com que ela aconteça, do que com sua contextualização social (Oliven, 2010). Este pensamento do autor, nos leva à reflexão de que mesmo com a violência tendo um crescimento gradual, não se leva em conta o contexto ao qual ela está envolvida, ou seja, não se busca entender os inúmeros porquês dos acontecimentos, o que também dificulta na já complexa construção de dados.

Minayo (1994) nos traz a ideia de que os dados referentes à violência têm como características serem problemáticos, provisórios e tentativos, e que por conta disso, podem não traduzir corretamente os fatos. Ou seja, de acordo com a autora, os dados sobre violência não tem uma durabilidade e confiabilidade imprescindível, já que carregam consigo alguns problemas e a alcunha de serem complexos. Portanto, entende-se quão importante e complicado é ao mesmo tempo, construir-se dados significativos acerca da violência.

3.3. VIOLÊNCIA E SUA RELAÇÃO COM A SAÚDE PÚBLICA

A resolução WHA 49.25 declara que a violência é um dos principais problemas mundiais de saúde pública, e isto é o que motiva as áreas de atuação social a desenvolverem estratégias e ações para diminuição do problema. Isto será discutido neste capítulo, baseando-se em textos da OMS, do CONASS e de Minayo, que trazem a sua opinião acerca do que a saúde pública tem a ver com a problemática da violência e ideias de como ela pode atuar.

Para iniciar o debate, é importante trazer à tona uma breve definição de saúde pública / saúde coletiva, o que ela trabalha e como trabalha. Diante disso, sabe-se que a saúde pública / coletiva busca dar assistência e segurança à população em sua maioria, e quando possível, à população inteira, compreendendo doenças e problemas que dizem respeito às condições de saúde daqueles indivíduos. Apesar de não ter seu foco no individual, ela trabalha com o coletivo, buscando a melhoria do coletivo, porém, sem deixar de lado a melhoria do individual. Esse desenvolvimento é feito com a participação de atores de diversos campos e disciplinas, a fim de expandir os horizontes e aprimorar as ações cooperativas entre os setores da sociedade, e, tomando como parâmetro o

problema da violência, entende-se que os setores têm cada qual um papel a ser desenvolvido e isso pode acarretar em um resultado satisfatório na questão da violência (OMS, 2004).

Compreende-se então, que a violência é um problema de saúde que afeta populações inteiras, e que a saúde pública/coletiva tem como objetivo atuar em cima disso. Porém, Minayo (2005) afirma que a violência não pode ser encarada por si só como uma questão de saúde pública, mas ela se torna um problema para o setor, pois atinge diretamente a saúde em âmbito individual e coletivo, e por conta disso, é necessário buscar desenvolver políticas e ações práticas específicas. A Organização Pan-americana da Saúde (Opas) corrobora com esta afirmativa de Minayo, ao tratar da violência como uma endemia, que se expandiu por diversas nações (Opas apud Minayo, 1994).

Em âmbito nacional, na data de 26 de setembro de 2007, em discussão por meio de assembleia do Conselho Nacional de Secretários de Saúde (CONASS), a violência foi incluída na agenda de prioridades tanto do próprio CONASS quanto das Secretarias Estaduais de Saúde (SES). A partir daí, foram decididas as medidas a serem tomadas para que se discutisse tal problema de saúde, além de se conhecer ações já realizadas que foram bem-sucedidas. Por fim, foram realizados seminários, para que se cumprisse o objetivo (CONASS, 2017).

Antes de entrarmos na discussão de como a saúde pública/coletiva pode atuar em relação à problemática da violência, vale entender o que o setor saúde enxerga sobre a questão. Para Minayo (2005), o setor divide o tema em duas frentes, uma explicativa e outra operacional, que vão se compreender da seguinte maneira: a primeira, a reflexão acerca do que se entende por violência, com base teórica e a segunda, como sendo a averiguação dos fatos, ou seja, a apuração dos atos violentos, e quais as consequências, o que vai afetar no bem-estar da população.

A partir de agora, inicia-se a reflexão de como a saúde pública poderia atuar na resolução ou pelo menos, na diminuição do problema da violência. Acerca disto, a OMS (2004), assim diz:

Desde o início da década de 1980, o campo de saúde pública tem dado uma contribuição cada vez mais importante nessa resposta. Muitos profissionais, pesquisadores e sistemas de saúde pública tomaram para si as tarefas de entender as raízes da violência e evitar que ela ocorra.

Porém, de acordo com a literatura estudada, entende-se que algumas medidas precisam ser adotadas para que se chegue ao objetivo de resolver a situação da violência enquanto problema de saúde pública/coletiva.

Primeiramente, é necessário compreender as dificuldades existentes para o processo de tomada de decisões, que vão se relacionar com as etapas que a saúde pública/coletiva deve seguir para ter sucesso em suas estratégias, e um destes percalços é o próprio entendimento por parte dos atores envolvidos, de que a violência deve ser encarada como um problema de saúde pública/coletiva, pois essa ideia é inovadora e se contraria ao pensamento de que é um problema meramente criminal e de segurança. Além disso, a visão de uma população totalmente livre de violência não é aceita pela maioria da sociedade e especialmente, pelos responsáveis pelas tomadas de decisão. Uma taxa mínima de violência é mais aceitável neste contexto. Outra grande dificuldade que pode ser citada é o entendimento da extensão que a violência vem tomando ao longo dos anos, e o quanto ela repercute, nas formas mais e menos visíveis. Por fim, têm-se como obstáculo a ser superado a determinação dos atores em desenvolver ações e estratégias inovadoras (OMS, 2004). Ainda sobre este assunto, a OMS (2004) tem a acrescentar:

[...] há um forte papel a ser desempenhado pelos profissionais da área de saúde pública, pelas instituições acadêmicas, pelas organizações não governamentais e pelas organizações internacionais para ajudar os governos a aumentarem seu conhecimento e sua confiança em intervenções que podem funcionar. Parte deste papel é a defesa, utilizando a educação e informações científicas. A outra parte é um parceiro ou consultor que ajude a desenvolver políticas e a elaborar ou implementar as intervenções.

Não se conhece um setor social que seja tão bem preparado para trabalhar a questão da violência nas populações, que não seja o setor saúde, porém, o que acontece de equivocado atualmente, é a maneira com que o problema é trabalhado, pois foca-se muito na finalidade, que seria a ação de cuidar das vítimas, e pouco se dá atenção à sua raiz, que seria o caso de não deixar que existam as vítimas. As causas e as motivações das ações violentas não são levadas em conta nas estratégias dos serviços de saúde, que continuam a todo tempo atendendo as vítimas, gastando recursos humanos e materiais na fase final do problema e deixando de gastar forças e atenção em sua raiz, ou seja, tentando impedir que o problema surja (CONASS, 2007).

Como já mencionado, segundo os autores estudados, existem etapas (passos) que a saúde pública/coletiva deve seguir para que se desenhem estratégias eficientes e que objetivem a prevenção da violência, ou seja, que elas atuem em sua raiz, para evitar que o problema em si aconteça. Para tanto, um dos passos julga que é necessário que exista um conhecimento da magnitude e impacto do problema, além dos variados fatores

e contextos sociais, culturais e/ou individuais que levam o mesmo a acontecer, pois isso contribui para as reduções até mesmo em mais de um tipo de violência (OMS, 2004).

Vale lembrar que insistir em métodos que trabalhem somente com a fase final do problema, é um dos motivos de não se ter até a atualidade, bons resultados quando se trata da violência como problema de saúde pública, pois com isso, se concentram os recursos em ações fim, e se esquece das ações início e ações meio, e não se leva em conta que a violência é fruto do pensamento individual, que é influenciado pelo meio social em que se vive (CONASS, 2008). Ou seja, essa reflexão reafirma a ideia de que, segundo o autor, precisa-se enfrentar a violência desde antes da sua origem, para que se tenha sucesso no resultado final da estratégia adotada, pautada na prevenção do problema.

O setor saúde, por natureza, é multidisciplinar, e por consequência, suas estratégias de ação, também devem contar com essa multidisciplinaridade, integrando forças e pensamentos de diversas disciplinas e até mesmo de outros setores e da comunidade em si, visando colaborar com o enfrentamento do problema, isso se configura em uma complexidade que deve ser tomada como positiva na execução do plano de estratégia. Além disso, todo este trabalho deve resultar em dados que sejam importantes na formulação de políticas, estratégias e ações (Minayo, 1994). Logo, entende-se a multidisciplinaridade como um fator essencial nos passos a serem seguidos pelo setor saúde.

Tem-se abaixo um interessante trecho, para explanar a reflexão do que já foi até aqui discutido e corroborar com as afirmativas supracitadas:

A iniciativa do CONASS repousa, portanto sobre a necessidade de se encarar a violência como uma questão de saúde pública, merecendo, por conseguinte, a adoção das conhecidas estratégias de prevenção, assistência e reabilitação. Inserir a noção de que se pode evitar a violência através de ações preventivas é uma necessidade que se impõe, deixando de lado o hábito de se encarar a violência apenas como uma questão de polícia, mas trazendo-a para a reflexão e a ação do Sistema Único de Saúde e da sociedade como um todo.

[...]O enfrentamento da violência como problema de saúde pública deve passar necessariamente não só pela organização do atendimento às vítimas e reabilitação, mas também por ações de promoção à saúde, de vigilância e de prevenção; É fundamental desenvolver trabalho integrado e intersetorial, envolvendo os vários segmentos para o enfrentamento do problema (saúde, educação, segurança pública, judiciário, dentre outros) tanto na área governamental como extragovernamental; É essencial a efetiva participação da comunidade em todo o processo. Esta se dá não só através do efetivo controle social, pelos Conselhos de Saúde e demais conselhos vinculados aos outros setores, mas especialmente pela adoção da perspectiva do protagonismo dos atores envolvidos, ou seja, promover

as pessoas (especialmente de grupos mais vulneráveis) como sujeitos das intervenções, participando ativamente da definição de prioridades, implementação das ações e avaliação dos resultados (CONASS. 2007. p. 106 – 107).

A ideia deste trecho, então, reafirma que devem ser tomadas ações preventivas, e que a violência não deve ser vista somente como caso de polícia, mas que o Sistema único de Saúde (SUS), os demais setores e a população devem conversar entre si, para que sejam desenvolvidas ações efetivas. Ainda com base no trecho, entende-se que estas conversas com a sociedade devem ser desenvolvidas através da participação e controle social em todo o processo, e que os atores envolvidos sejam protagonistas e participem ativamente das ações, bem como, da avaliação das mesmas.

OMS (2004) e CONASS (2007) listam paralelamente o que seriam passos e etapas a serem seguidos para enfrentamento do problema da violência, e desconsiderando-se a proporção da dimensão das listas de cada um, encontram-se algumas semelhanças entre elas. De início, como ponto semelhante, os dois tratam da situação de risco, de modo a identificar e mapear tais situações, e ainda, adotar meios para denúncia e estratégias para modificação dos comportamentos individuais de risco. Considerando que os dois textos colocam em suas listas primeiramente a questão do risco, entende-se que este passo é primordial para desenvolvimento dos passos posteriores, que serão discutidos nos parágrafos seguintes.

Outra semelhança encontrada nas listagens de OMS (2004) e CONASS (2007) se refere à interdisciplinaridade e intersetorialidade, que deve ser trabalhada nas medidas de prevenção e monitoração da violência, envolvendo inclusive a participação social e grupos sociais das comunidades, como igrejas e escolas no desenvolvimento das propostas de intervenção e/ou prevenção. O objetivo de adotar um caráter interdisciplinar e intersetorial em tais ações, se faz necessário, visto que a intenção é atender a todos os grupos possíveis, sejam eles mais ou menos vulneráveis à violência, afim de desenvolver a cultura de paz e ambientes seguros e saudáveis neste contexto.

A promoção da intersetorialidade auxilia então, em um outro passo listado principalmente por CONASS (2007), no tocante a notificação dos dados sobre violência, uma vez que com a interação dos setores da sociedade, torna-se mais factível identificar casos de violência nas comunidades, bem como monitoramento da ocorrência dos mesmos e ainda promover a produção de informações e indicadores que auxiliem na proposta em questão. Atrelado a este ponto, estimula-se a capacitação profissional na identificação de sinais de violência na comunidade em que se atua. Por fim, com as

informações em punho, é importante que se realizem medidas e ações que promovam a sua disseminação.

Com base na teoria trabalhada até aqui, sabe-se que a diversidade cultural, de gênero, social e econômica têm forte influência sobre a violência. Levando esta questão em consideração, OMS (2004) e CONASS (2007) entendem que se deve lidar com esta peculiaridade, adotando medidas que visem promover a igualdade na medida do possível e o respeito às diversidades existentes e ainda, mecanismos de resolução de conflitos dentro da própria comunidade, que deve ter sempre o apoio da equipe profissional.

Por fim, levando em conta o que dizem OMS (2004) e CONASS (2007), e cumprindo os passos e etapas já mencionados, a equipe profissional deve oferecer junto à comunidade atendimento que contribua na consequência da violência, ou seja, lado a lado com a prevenção, deve estar a preocupação com aqueles casos em que a prevenção não foi eficaz e ocorreu algum caso de violência, em qualquer que seja o âmbito. Ainda segundo os dois textos e tendo como base as listas de cada um, entende-se que ao seguir estes passos, é possível chegar ao ponto ápice da promoção da cultura de paz e não-violência.

Esta é uma réstia de esperança com que os serviços de saúde podem iluminar o caminho da superação da violência e readquirir sentido para além da reparação do mal consumado: dar atenção e cuidado a todos em todas as situações que nos façam sofrer, das mais simples às mais complicadas. Não deixar sem atenção quem quer que seja e, mais do que acolher e reparar, dar valor à pessoa, reconhecendo-a como ser significante que ela é. Aceitar e nutrir o vínculo, condição indispensável a um sistema de proteção da saúde e do bem-estar (CONASS. 2007. p. 15).

A violência pode ser evitada. Não se trata de uma questão de fé, mas de uma afirmação baseada em evidências. Podem-se encontrar exemplos bem-sucedidos em todo o mundo, desde trabalhos individuais e comunitários em pequena escala até políticas nacionais e iniciativas legislativas (OMS. 2004. p. 3).

3.4. VIOLÊNCIA NAS RUAS E AS VULNERABILIDADES SILENCIOSAS IMPOSTAS PELO ESTADO

A violência relacionada à população em situação de rua pode ser trabalhada como qualquer outro tipo de violência sofrida por qualquer pessoa de outra ramificação da sociedade, ou seja, pode ser trabalhada de um modo geral, porém, com alguns agravantes, por se tratar de uma população em situação de vulnerabilidade. Justamente por ser uma população mais vulnerável, a PSR encontra-se ainda mais suscetível a este tipo de ação. Na literatura encontrada, em sua maioria, não se fala especificamente da

PSR, porém, entende-se que ela pode ser incluída no pensamento geral de alguns autores, que se referem a alguns segmentos sociais mais vulneráveis. Relacionando-se especificamente violência com população em situação de rua, clareando a ideia de maior exposição e vulnerabilidade da PSR, tem-se o trecho de Conceição (2017):

A população em situação de rua (PSR) é um fragmento populacional peculiar. É um grupo de indivíduos que ocupa espaços urbanos, sendo constantemente marginalizados e, em função disso, expostos à diversas formas de violência.

Minayo (1994) considera a PSR como sendo participante da violência estrutural, tanto por conta dos atos violentos que ocorrem entre eles e contra eles, quanto por conta das condições em que eles vivem, que os colocam à mercê de situações que podem ser consideradas como violentas. Entende-se como violência estrutural:

[...] aquela que oferece um marco à violência do comportamento e se aplica tanto às estruturas organizadas e institucionalizadas da família como aos sistemas econômicos, culturais e políticos que conduzem à opressão de grupos, classes, nações e indivíduos, aos quais são negadas conquistas da sociedade, tornando-os mais vulneráveis que outros ao sofrimento e à morte [...] (Minayo. 1994. p. 8)

Pode-se inferir que a violência não é direcionada somente a grupos específicos, ou seja, ela pode acometer a qualquer um, podendo ser o ator aquele que sofre ou o que comete o ato. Todavia, outro ponto deve ser analisado, no que diz respeito à suscetibilidade ao ato violento, pois se entende que apesar de a violência não ser restrita a especificidades, ainda assim, existem modalidades de violência que se diferenciam a depender da idade, gênero, classe social, poder, ou até mesmo do contexto ao qual se refere (Abramovay et. al. 2012). Isso se ilustra melhor ao se tratar de homicídios, como pode ser visto:

Invariavelmente, os documentos trazem um mesmo diagnóstico: as principais vítimas de homicídios no Brasil são pessoas negras, especialmente homens, com baixa escolaridade (Jornal Nexo. 2018).

Abramovay et. al. (2012) ainda discutem a relação da violência com a situação de pobreza, pois, é sabido que muitas das vezes as duas condições são facilmente associadas, mesmo que não diretamente, porém, essa relação acentua-se pela falta ou negação de acesso a produtos do dito bem-estar social, que aos olhos da sociedade, muito têm a ver com a condição, nicho ou classe social ao qual o indivíduo está inserido. Em contraponto, os mesmos autores afirmam que paralelamente alavancam-se os

indicadores socioeconômicos e os níveis de violência, e ainda, que existe uma via de mão dupla de alimentação entre a violência e a exclusão social, ou seja, as duas se ajudam a se manter e permanecem vivas no cotidiano da sociedade.

[...] há uma multiplicidade de fatores que intervêm nas manifestações das violências. A violência tem raízes sociais que se manifestam em grande medida nos contextos urbanos de pobreza e exclusão, mas principalmente na desigualdade social (Abramovay et. al. 2012. p. 6)

[...]O paradoxo era maior no contexto urbano, onde os pobres figuraram simultaneamente como protagonistas principais dos crimes violentos cometidos e como vítimas preferenciais deles [...] (Zaluar. 1999. p. 3)

Tendo em vista como a violência se contextualiza numa realidade de vulnerabilidades e aspectos sociais abaixo do padrão imposto, vale comentar mais especificamente seu contexto nas ruas, e Gomes (1994) nos traz a ideia de que a violência já se tornou algo rotineiro e comum nos relatos de vida que se tem nas ruas. E quando estas histórias são analisadas, percebem-se situações relacionadas a brigas entre pessoas em situação de rua, que são motivadas por questões como furtos e pequenos roubos, ou simplesmente por “não ir com a cara um do outro” (Carneiro Júnior, 1998).

Em uma visão profissional deste mesmo texto de Carneiro Júnior (1998), capta-se que a violência vivida pela PSR nas ruas, leva aqueles que a sofrem a uma situação de falta de reconhecimento de si próprio, pelas marcas (físicas e psicológicas) deixadas ou pela ausência de cuidados. Em outro relato, também de um profissional de saúde, um ponto que ainda não foi discutido é destacado, em relação aos maus tratos contra a PSR, que são cometidos por quem deveria prezar pela segurança pública, ou seja, os policiais, que por vezes agredem aqueles que ali estão.

A cultura da violência traz consigo alguns fatores extras e um deles está relacionado aos sentimentos. A insegurança e o medo são sentimentos fortemente atrelados à questão da violência, em qualquer que seja o nicho ou os atores sociais envolvidos (Abramovay et. al. 2012). Em decorrência deste aspecto, nas ruas, atrela-se o sentimento de medo à busca por estratégias. Posto isso, tendo a violência como um mecanismo de dominação por parte de quem a comete, ela pode ser vista também como uma moeda de troca, ou seja, uma estratégia de sobrevivência por parte de quem sofre com a violência, seja lá qual for o sentido a qual ela estará imposta (Oliven, 2010).

Entra-se agora em um ponto delicado que relaciona violência com vulnerabilidades. Zaluar (1999) e Oliven (2010), apesar de épocas distantes, transmitem

de forma mais clara uma reflexão de que a própria vulnerabilidade em si é uma forma de violência, dentro do contexto de uma relação de poder. Aqueles que detêm o poder, direta ou indiretamente incitam a violência contra aqueles que são os dominados pelo poder, de uma maneira silenciosa, sem que se perceba a violência por trás do ato. Ações violentas são consideradas apenas como aquelas que matam ou lesionam, mas o estado de calamidade da sociedade não é tido como forma de violência por quem detém o poder (Zaluar, 1999).

[...] esta formulação aparece pela primeira vez com clareza no texto, de orientação solidarista cristã com fortes tons marxistas, do Pe. Fernando D'Avila, membro do grupo de trabalho que escreveu o relatório encomendado pelo Ministério da Justiça em 1980: "As primeiras formas de violência (que vem de cima para baixo) são as propiciadas pelas estruturas sociais iníquas... Quem define o ato violento? Os que detêm o poder. Como definem o ato violento? Como transgressão das regras criadas pelo mesmo poder. Assim, se entre essas regras existem regras violentas, não são caracterizados como atos violentos, por exemplo, salários injustos; castiga-se como ato violento o roubo de 100 cruzeiros para matar a fome, porque é um ato violento, mas ficam impunes violências muito maiores, como todas as formas de iniquidade social. É uma violência silenciosa... Ninguém pode responsabilizar ninguém pelas dezenas de milhares de crianças subnutridas, famintas, retardadas, tuberculosas, bestificadas. Mas ninguém ignora que elas também foram vítimas de assaltantes, aqueles que deram um salário de fome a seus pais, que obrigaram suas mães a se prostituírem, que sonegaram impostos, que burlaram a previdência social (Zaluar. 1999. p. 10-11).

Oliven (2010) vai ainda mais além, ao afirmar que o estado brasileiro tem em seu histórico a característica de submeter classes ditas inferiores a situações de tortura, exercendo sobre elas um poder de controle e intimidação. A reflexão é feita se baseando no fato de que o estado prefere combater a sociedade ao invés de combater o problema, o que seria uma característica da chamada violência silenciosa. Exemplifica-se neste trecho:

[...] o mais bizarro talvez seja o fato de que, num país que sabidamente não consegue oferecer emprego a toda população em idade de trabalhar, um indivíduo possa ser detido sob a acusação de vadiagem por não portar carteira de trabalho assinada. Em outras palavras: em vez de combater o desemprego, o Estado combate o desempregado (Oliven. 2010. p. 7)

Outro ponto a ser comentado, se refere àqueles tipos de violência que ocorrem sem serem vistos, onde o autor destaca os acontecimentos dentro dos lares, locais de trabalho e demais instituições. É sabido que com o avanço tecnológico, alguns tipos de violência são facilmente vistos, como no caso de terrorismos e guerras, porém, existem as violências invisíveis, ou chamadas aqui de violências silenciosas, que acontecem, mas

ninguém vê, ou finge que não vê, e neste contexto, pode-se incluir a invisibilidade da PSR (Dahlberg e Krug, 2007).

É certo que mesmo não sendo a maior causa de óbitos no Brasil, a violência está fortemente presente em todas as populações, independente de seu contexto social e de vida, o que leva ao sentimento de medo e insegurança em sofrer algum ato violento (CONASS, 2008). Mas, se apoiando no que até aqui foi discutido, é válido afirmar que a PSR encontra-se em um estado de maior vulnerabilidade também quando se trata de segurança e violência, seja ela silenciosa ou não.

4. OBJETIVOS

4.1. OBJETIVO GERAL

Analisar histórias de vida de uma determinada população em situação de rua, localizada no Distrito Federal (DF), com foco nos episódios de violência perpassados durante a trajetória na rua e relacionar com o que a literatura tem a dizer sobre violência no geral. Vale salientar que não é objetivo do presente trabalho aprofundar nas explicações e busca de dados sobre os tipos de violência contidos no relato dos entrevistados.

4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. Compreender a história de vida e como os entrevistados sobrevivem na rua;
2. Relatar históricos de violência sofridos durante a vida e cotidiano nas ruas;
3. Qualificar os relatos de violência em tópicos-guia de acordo com a literatura;
4. Debater questões relacionadas à violência e como a saúde pública pode atuar.

5. METODOLOGIA

Na linha de metodologias qualitativas de investigação social, insere-se a utilização de histórias de vida, quando usada como técnica de recolhimento de dados, por parte de historiadores, antropólogos, sociólogos, entre outros. Retomando o trabalho de pesquisa na Escola de Chicago de Thomas e Znaniecki, *The Polish Peasant*, a história de vida faz parte de uma trajetória que procura dar conta das influências socioculturais naquilo que o indivíduo é e faz.

Dentro da tradição sociológica, como modelo metodológico, a entrevista narrativa foi elaborada pelo sociólogo alemão Fritz Schütze, no final da década de 70 se baseando principalmente na exploração de narrativas “improvisadas”, isto é, relatos que o entrevistado produz sem preparação e com o mínimo de interrupção do entrevistador.

De acordo com Flick (2004), o método de análise e interpretação proposto visa, como ponto central, a reconstrução dos eventos e dos processos biográficos do narrador. O objetivo, portanto, não seria tanto reconstruir as interpretações subjetivas que o narrador elabora de sua vida, mas sim, reconstruir a inter-relação de cursos factuais de processos.

A discussão e a prática de construir pesquisas a partir de narrativas biográficas fazem emergir uma série de discussões e aportes conceituais das ciências sociais e que, posteriormente, poderão fazer parte das próprias temáticas de análise da pesquisa. Estes aportes partem, portanto, de um arcabouço da sociologia fenomenológica, da etnometodologia e do interacionismo simbólico, no sentido de buscar justamente o entroncamento entre o individual e o social (não tomados, aqui, como polos opostos, mas inter-relacionados), o pessoal e o coletivo.

Como explica Germano (2004), o método de Schütze insere-se num panorama de revitalização dos estudos biográficos e de crescente interesse pela centralidade da narrativa, englobando não só a sociologia alemã, mas também outros autores de diferentes nacionalidades e a própria psicologia.

A expressão narrativa da própria vida lida não apenas com eventos externos que ocorrem com o indivíduo, mas também com as mudanças internas que a pessoa deve enfrentar ao experienciar, reagir a, moldar (e até parcialmente produzir) esses eventos externos. E reconhecendo, através da narração autobiográfica, como alguém se sentiu ao experienciar os eventos externos é um primeiro passo para o indivíduo equacionar a contínua construção e transformação de seus estados internos e sua importância para a estrutura da identidade da história de vida em desenvolvimento (GERMANO. 2004. p.4).

Nesse sentido, as narrativas construídas por permitem explicitar um conjunto de ações e pensamentos individuais contextualizadas dentro de um universo coletivo mais amplo, que à medida que são relatados se tornam progressivamente objetos de análise, mecanismos interpretativos, tanto pelo próprio sujeito da pesquisa, em nível mais individualizado, como pelo próprio pesquisador, dentro de referências sociais.

Por se tratar de uma história narrada sobre sua própria vida e uma narrativa acerca de si próprio ser um elemento central de sustentação do próprio eu, a história de vida não é um instrumento metodológico que se refere unicamente a um conjunto de fatos e à relação entre eles, mas inclui também o investimento emocional do narrador. De certa maneira, contar a própria história é uma forma de reviver os eventos que se recorda e é também um ato de (re) elaboração de sentimentos, emoções e ações que lhes estão associados. Neste sentido, uma história de vida não constitui simplesmente um relato objetivo e exaustivo de eventos ocorridos na vida do narrador, nem exterior a eles, nem meramente um relato desinteressado. Pelo contrário, é um relato dotado de uma afetividade particular justamente porque é através dele que o sujeito se reconta e se reafirma como uma identidade tanto distinta das demais, mas com capacidade de relacionamento com as mesmas.

Por isso mesmo, as noções de identidade, de vínculos (ou relações) sociais, de memória, de tempo e de socialização se apresentam quase naturalmente no processo deste tipo de pesquisa. Necessariamente, estas referências conceituais dizem respeito a esse cruzamento entre vivências individuais e contextos sociais, quebrando, como já mencionamos esta oposição tantas vezes apresentada, ao destacar a maneira como se relaciona as instâncias individuais e coletivas, ou seja, como se forma a relação entre o indivíduo e a sociedade e de que natureza esse vínculo se estabelece dentro das mais diversas realidades.

Nesse sentido, os documentos biográficos não podem nunca serem considerados reflexos passivos de uma entidade atomizada, sem envolvimento social. Como explica Pais (2009), o relato biográfico revela-se como uma prática humana e como uma espécie de síntese de uma história social. Para o autor, as narrativas biográficas se constituem em um método que acaba por atribuir à subjetividade um valor de conhecimento que constitui ponto de partida para a compreensão da realidade social.

Por isso mesmo, a história de vida se torna um instrumento utilizado para ilustrar a relação inseparável entre indivíduo e sociedade, como seu pertencimento a diferentes microcosmos sociais produzem condições favoráveis à produção de trajetórias

de vida, permitindo, como explica Germano (2004), captar o que escapa às estatísticas, às regularidades objetivas dominantes e aos determinismos macrossociológicos, tornando acessível o particular, o marginal, as rupturas, os interstícios e os equívocos, elementos fundamentais da realidade social, que explicam por que é que não existe apenas reprodução, e reconhecendo, ao mesmo tempo, valor sociológico no saber individual.

A construção de uma trajetória, de um indivíduo em situação de rua se relaciona diretamente com um complexo número de atribuições, no sentido, tanto de ser possível vivenciar perdas, rupturas, como também na possibilidade de construir, através de novos vínculos e relações, novas experiências, que de uma maneira ou de outra, ajudarão o indivíduo a viver essa nova dinâmica de vida, mas também a suportar, de uma maneira construtiva, as perdas e as possibilidades de reconstruções. Nesse sentido, o papel da memória como ponte espaço-temporal, entre essas duas novas realidades, que às vezes se apresentam de maneiras explicitamente contraditórias, é de fundamental importância.

As perguntas, de certa maneira, serão direcionadas para entender a forma “como” as ações se constituem. Essas perguntas têm a finalidade de se constituir como um ponto inicial para a construção das falas. As terminologias empregadas são simples e direcionadas para as práticas cotidianas de uma população que em muitos casos não teve acesso à escolarização. É justamente nesse sentido que o próprio entrevistador se torna apenas um guia dessa narrativa, onde seu papel é tentar abrir espaço para que o sujeito possa falar e se exprimir.

Para fins de operacionalização das entrevistas narrativas biográficas será produzido um tópico-guia, frutos das discussões iniciais concretizadas durante a pesquisa bibliográfica. Nesse sentido, os documentos oficiais sobre população de rua e as pesquisas de caráter mais censitárias trazem importantes aportes temáticos que atingem diretamente ou transversalmente a população de rua.

Tendo como grande tema a questão das rupturas (suas concretudes, suas representações, concretas e simbólicas) e construções de relações sociais, a pesquisa lançará mão do próprio processo de entrevistas para elencar temas e assuntos importantes que serão abordados.

Como explica Frangella (2004), estas são histórias relatadas, em geral, em uma cronologia turtuosa, costurando fatos que parecem trazer a essas pessoas uma inteligibilidade para seu deslocamento. Necessariamente, recolher e analisar essas histórias se torna praticamente uma condição inicial para estabelecer um diálogo com

essa população. De acordo com a autora, estas narrativas são uma chave importante para o entendimento das situações de rua, pois ao narrar esses sujeitos encontram no ouvinte tanto a forma de reconstruir sentidos para sua trajetória como para singularizar-se em meio ao anonimato da rua, interagindo com as emoções do ouvinte e atenuando assim o estigma imposto sobre sua imagem.

Além disso, as temáticas relacionadas especificamente à área da saúde são importantes aportes. O Manual sobre o Cuidado à saúde junto a população em situação de rua, elaborado pelo Ministério da Saúde em 2012, elege como temas prioritários, dentre outros, a questão da saúde mental e do uso de álcool e drogas, questões relevantes no desenvolvimento deste projeto.

Esse tópico-guia, é resultante também de conversações preliminares com sujeitos sociais relevantes e tem a função de organizar o encaminhamento inicial da pesquisa, que, como mencionado, será construída no próprio processo de realização. A flexibilidade é um fator importante nesse tipo de planejamento, uma vez que muitas questões, às vezes, complexas no contexto da entrevista podem se tornar secundárias ou irrelevantes. Esse tópico-guia, de fato, estará sujeito a inovações em função das situações vivenciadas no contexto de sua aplicação, por outro lado, a análise das orientações coletivas.

A amostra central escolhida para ser entrevistada e serem os participantes da análise de discurso consistem em vinte pessoas que fazem parte da população em situação de rua do Distrito Federal (DF), mais especificamente que ficam nos arredores do Instituto Hospital de Base do Distrito Federal (IHBDF) - que é localizado próximo ao centro de Brasília, onde se tem uma grande concentração de população em situação de rua - frequentadores de dois Centro Pop, um localizado na Asa Sul e outro em Taguatinga (realidades diferentes de um território para o outro, sendo que a Asa Sul é uma região administrativa mais desenvolvida), e ainda, de outros pontos da cidade de Taguatinga, mais próximos às periferias e beiras de estrada da cidade. As conversas com os mesmos foram realizadas no período de outubro de 2017 a maio de 2018, por ser o período determinado para realização da pesquisa.

Além das entrevistas realizadas pelo pesquisador, foram analisados vídeos já existentes do Observatório da Saúde da População em Situação de Rua para endossar e acrescentar ainda mais na riqueza de detalhes e relatos. Dentro dos vídeos do observatório, encontram-se relatos de pessoas que ainda estão em situação de rua, bem como pessoas do movimento que luta pelos direitos das mesmas.

Do total de vinte entrevistados, dezessete são do sexo masculino e as outras três são do sexo feminino, tendo eles idades entre vinte e seis e cinquenta e dois anos, de acordo com aqueles que desejaram informar este dado.

Os materiais utilizados na pesquisa para procedimentos de coleta consistiram em instrumentos para gravação de voz, questionário e caderno de anotações.

O trabalho está de acordo com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), e o mesmo conta com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) oral, para que sejam preservadas as identidades dos entrevistados.

CRITÉRIOS DE INCLUSÃO

Pessoas que derem abertura às conversas e entrevistas e que tragam na sua história episódios de violência sofridos.

CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO

Pessoas que não derem abertura às conversas e entrevistas ou que não tenham em sua história fatos de violência ocorridos.

RISCOS

Podem acontecer constrangimentos por parte dos entrevistados, ao serem questionados por situações ligadas ao seu subjetivo e particularidades, porém, isso será ao máximo evitado pelo pesquisador, que será apenas um norteador das entrevistas, de forma com que o entrevistado se sinta o mais à vontade possível em contar sua história.

BENEFÍCIOS

Tem-se como benefício o fato de que as histórias podem contribuir para abrir os olhos do leitor no que se refere às situações de violência sofridas pela PSR que ainda estão escondidas, e ainda, elucidar o quanto isso impacta na saúde dos mesmos.

6. RESULTADOS FINAIS E ANÁLISE DE CAMPO

Apresenta-se aqui os resultados obtidos a partir da análise feita das entrevistas de campo, que foram transcritas e observadas de forma com que se encontrassem pontos em comum entre as mesmas e com a literatura utilizada, para dar credibilidade ao trabalho. Optou-se por dividir os resultados entre tópicos contendo a apresentação dos entrevistados, dos segmentos de análise, e posteriormente, explicitam-se detalhadamente os segmentos um a um, contendo trechos dos relatos dos entrevistados, de acordo com cada segmento.

6.1. APRESENTAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

Ao todo, foram vinte entrevistados, todos localizados no Distrito Federal (DF) e encontrados em sua maioria nas áreas próximas ao Instituto Hospital de Base do Distrito Federal (IHBDF) e ao centro pop da Asa Sul, e ainda, uma pessoa no centro pop de Taguatinga e dois últimos, em uma outra região de Taguatinga Norte, próximo à rodovia BR-070. Deste total, tem-se dezessete homens e três mulheres, com idades entre vinte e seis e cinquenta e dois anos (aqueles que desejaram informar a idade). Vale ressaltar que na apresentação dos resultados serão utilizados pseudônimos, para preservar a identidade dos entrevistados.

Os pseudônimos foram inspirados na matéria do blog “Relativamente Interessante” que apresenta vinte e cinco cidades pelo mundo com quantitativo alto de PSR. Dessa forma, cada nome de cidade representará um sujeito de pesquisa. Sendo assim, os vinte pseudônimos escolhidos dentre os vinte e cinco possíveis foram: *Lisboa, Dublin, Roma, Los Angeles, Sampa (São Paulo), Seattle, Budapeste, Jacarta, Tóquio, Denver, Nova Iorque, Buenos Aires, Moscou, Rio (Rio de Janeiro), Manila, Chicago, Indianapolis, Baltimore, Mumbai e Atenas*. Cada um será brevemente apresentado de acordo com as informações obtidas (idade, tempo e motivo de estar nas ruas, entre outros) nos parágrafos que se seguem:

- *Lisboa* tem 37 anos de idade e vive na rua olhando carros desde o ano de 2014 após o falecimento de sua mãe e por não ter condições de sustentar seus dois filhos.

- *Dublin* tem 47 anos de idade, veio de Piritiba, na Bahia e desde então, nunca mais voltou lá e nem tem notícia de sua família de lá, tem filhos e netos em Brasília e Minas Gerais, mas também pouco sabe sobre eles.
- *Roma* teve uma infância tranquila em Imperatriz, no Maranhão e mora há praticamente 20 anos em Brasília, onde veio para “conhecer o mundo” e conheceu coisas erradas, como o tráfico e o crime.
- *Los Angeles* não informou a idade e nem quanto tempo está nas ruas, porém disse que veio de Minas Gerais para Brasília ainda criança, com seus pais.
- *Sampa* vive há 6 anos na rua e tem 37 de idade, coloca como motivo de estar nas ruas o álcool e as drogas.
- *Seattle* vive nas ruas desde os 12 anos de idade, quando sua mãe faleceu e seu pai se uniu à outra mulher, que o maltratava.
- Não se obteve informações concretas sobre *Budapeste*, como idade ou de onde veio, porém, uma de suas falas contribuiu grandemente na construção dos resultados.
- *Jakarta* tem 35 anos de idade e está nas ruas há 15 e diz ter um sonho de que todos sejam iguais.
- *Tóquio*, com 47 anos de idade, está há 6 meses na rua e alega estar nesta situação por conta de desemprego, apesar de ter seis profissões.
- *Denver* tem 26 anos de idade e vive há 6 nas ruas, veio de Minas Gerais com a mãe e os irmãos quando tinha 15 anos.
- *Nova Iorque*, 51 anos, natural da Paraíba, foi para Goiânia em 1979, acompanhado dos pais, para morar de favor numa fazenda, onde ficaram por 8 anos. Hoje, mora nas ruas do DF com seu irmão mais velho.
- *Buenos Aires*, vive há 2 ou 3 anos nas ruas e tem 35 anos de idade. Sofreu um acidente de moto em Cárceres, no Mato Grosso, que o debilitou, causando um problema grave na perna, além de outras complicações. Nas idas e vindas, acabou vindo para Brasília, buscar tratamento no Hospital Sarah Kubitscheck.
- *Moscou*, de pouquíssimas palavras, não se sabe ao certo o porquê, informou apenas que está nas ruas há 6 anos.

- *Rio*, não informou a idade, mas tem longa data de caminhada nas ruas, passando por diversos locais durante sua trajetória, tornando-se um andarilho. Na data da entrevista, estava no DF há apenas uma semana junto com seu filho e veio para resolver problemas na sua documentação.
- *Manila* nasceu na Bahia e há pouco tempo morava no Brás, em São Paulo. Na data da entrevista, estava há 3 meses vivendo ao redor do IHBDF.
- *Chicago* é alagoano e tem 45 anos de idade, veio para o Brasília por conta de um emprego que conseguiu, onde trabalhava com venenos em uma plantação de soja. Por conta do emprego, acabou adquirindo uma doença de pele que o impossibilitou de desempenhar a função.
- *Indianapolis* carrega uma trajetória de 10 anos nas ruas e tem 52 anos de idade e diz que foi parar nas ruas por conta do álcool.
- *Baltimore* tem 40 anos e vive há 6 meses na rua. O que motivou sua ida para as ruas foi uma traição de sua mulher com um amigo dele. Antes do ocorrido, trabalhava em empresas terceirizadas.
- *Mumbai* é árabe e veio com 2 anos de idade para o Brasil. É cigano. Teve seu apartamento invadido no Espírito Santo (ES) e veio para o DF em julho de 2012 resolver problemas na documentação. Ainda no Espírito Santo sofreu um acidente quando era motoboy, o que o impossibilitou de exercer funções trabalhistas.
- *Atenas* está nas ruas há 1 ano e 2 meses e tem 46 anos de idade. Para sustentar a família, precisou fazer um barraco em um terreno vazio com materiais coletados em um lixão.

Além da preservação da identidade dos entrevistados, a utilização dos pseudônimos escolhidos serve também para facilitar o entendimento por parte do leitor sobre quem se está falando e quem é o autor de cada fala apresentada. Por se tratar de uma pesquisa subjetiva, onde o pesquisado tem liberdade de conduzir a fala da maneira que desejar, é válido salientar que cada entrevista teve um andamento particular, fazendo com que tenha uma disparidade de tempo (algumas durando alguns minutos e outras chegando à uma hora). Este fator se diferencia também quanto ao conteúdo dos relatos, sendo que alguns detalharam mais suas histórias e outros foram mais objetivos, o que

não invalidou a participação de nenhum deles. Isso se deve ao fato de que a trajetória de cada um nas ruas é única e particular e tudo pode ter relação exatamente com o que cada um vivenciou até aqui como sendo parte da PSR.

6.2. APRESENTAÇÃO GERAL DOS SEGMENTOS

Em vista do aparato de discussões contidas no referencial teórico e diante dos contextos de violência observados nos relatos dos entrevistados, decidiu-se por dividir os resultados em quatro segmentos diferentes, sendo eles: violência e segurança; violência interpessoal (que compreende violência entre pessoas da própria PSR, violência cometida por outras pessoas da sociedade, violência pública e violência contra a mulher); violência pessoal (cometida por si mesmo) e vivenciada (que viu acontecer) e a violência silenciosa (Zaluar, 1999). Buscou-se traçar paralelos entre os fragmentos de trechos sobre violência observados nos relatos com a história de vida destas pessoas nas ruas, ou seja, o que elas entendem como rua.

Para melhor visualização e entendimento, cada segmento foi separado em um tópico específico, porém, isso não impede que possam existir conexões entre um e outro, pois cada história pode ter em seu relato diversos tipos de situações vividas. Reafirma-se ainda a relação com o entendimento do que é a rua para os entrevistados, o que eles aprenderam como sendo a rua durante toda a sua trajetória “a céu aberto”.

A trajetória de vida de cada um dos entrevistados foi essencial para a escolha dos segmentos, pois a partir das histórias de vida e das marcas de violência em cada uma, pode-se relacionar com o que diz a literatura e traçaram-se paralelos que conduzem à reflexão de como estão conectadas a rua, a história de vida e a violência em seus âmbitos. Além disso, os segmentos muito se comparam à tipologia e contextualização da violência utilizada neste estudo. E assim como a OMS (2004) define a violência como sendo multifatorial, um dos motivos para definição dos segmentos, *Sampa* define a rua como sendo “multiformas”, ou seja, assim como a violência, a rua também tem diversas definições e sentidos:

“A rua tem vários sinônimos né, tem várias formas de dizer assim, é ‘multiformas’ a rua né, é ‘multiformas’... Ela se renova também, ela muda né, o proceder, o caminhar, muda, meio que diariamente, porque você vem e conhece outras pessoas, de outras ideias, de outras culturas também, aí você vai acrescentando também aquilo né, vai agregando ao seu conhecimento...” (Sampa. Jan/2018)

6.2.1. VIOLÊNCIA INTERPESSOAL

Neste segmento, busca-se apresentar e elucidar de maneira geral, os tipos de violência encontrados nos relatos, ou seja, como foram cometidos e por quem foram cometidos. Compreendem-se aqui situações que se subdividem em: violência entre a própria PSR; violência cometida por policiais, seguranças e outros serviços públicos; violência cometida por pessoas de outros nichos sociais; violência contra a mulher. Neste sentido, traça-se um panorama do que se encontra como violência entre pessoas (quem comete e quem sofre) no cotidiano nas ruas, com base nos relatos.

Para se chegar aos resultados aqui encontrados e nas subdivisões escolhidas, foi feita uma pergunta para os entrevistados que consistia em indagar se os mesmos já sofreram violência em suas trajetórias nas ruas. Com isso, eles responderam de acordo com aquilo que consideram ter sido violência em relação à sua história. Diante disso, observou-se nos próprios relatos os pontos que se seguem.

O primeiro ponto a ser discutido, se refere à violência que ocorre entre a própria População em Situação de Rua, que, aliás, foi um dos casos mais abordados nos relatos dos entrevistados. Vale salientar que neste ponto aqui analisado, foca-se nos atos que foram sofridos por parte de quem relata o acontecimento, não considerando os atos cometidos por si mesmo, pois isto será apresentado em outra parte dos resultados.

“Porque também tem ladrões entre nós, existem pessoas que roubam entre nós né...” (Sampa. Jan/2018)

A grande maioria dos pesquisados alegou já ter sofrido algum tipo de violência envolvendo outras pessoas em situação de rua, ou contou algum caso que presenciou entre a PSR, ou ainda, discorreu sobre como é a situação nas ruas, o que motiva a violência entre pessoas do mesmo meio social. *Buenos Aires* mostra indignação em sua fala, quando se refere aos que “tá na mesma situação” e demonstra ter lugares mais perigosos para estar:

"Tem lugar aí também que na rua é muito perigoso, na rua tem muitos cara mal entendeu? Tem cara que zoa os cara... Ou o próprio morador de rua também mano, os próprio morador de rua tem uns que rouba o cara, tá na mesma situação e rouba os cara..." (Buenos Aires. Mar/2018)

Indianapolis, por sua vez, quando indagado sobre a maior dificuldade que encontra nas ruas, respondeu que seria o fato de as próprias pessoas em situação de rua roubarem outras que estão na mesma situação. Ou seja, mais um que mostra sua indignação, por não se sentir seguro nem mesmo entre a PSR. *Baltimore* e *Mumbai* já

sofreram com violência com outras pessoas em situação de rua, em brigas, o primeiro, pelo motivo de estar pedindo dinheiro na “área” de outras pessoas. *Dublin* traz em seu relato detalhes de uma confusão que teve com outra pessoa em situação de rua, afirmando que entre eles existe muita violência:

“Acontece muita violência. Esse mês quando eu tava no POP, eu discuti com um cara lá dentro, né, eu tava deitado lá dentro, aí ele me chutou né, eu deitado, aí nós começamos a briga, mas o guarda veio e tirou. Aí ele mandou ele sair pra fora, porque ele tava errado. Aí eu acabei de almoçar e vou saindo, quando vi recebi foi uma cassetada. Levei um bucado de ponto na cabeça. Aí eu vim de lá sangrando e fiquei no hospital.” (Dublin. 2017)

Outros casos de violência entre a PSR são percebidos em outros três relatos, de *Los Angeles*, *Tóquio* e *Lisboa*, cada um com sua particularidade. O primeiro alega ter sido roubado, espancado e usurpado e discorre sobre a questão da dificuldade de cuidar dos seus bens materiais. O segundo relata um caso onde em uma tentativa de roubo levou facadas e mordida. Já a terceira, é um caso ainda mais particular, pois conta sobre seu envolvimento com uma outra pessoa em situação de rua, que a agrediu e posteriormente, trouxe complicações, o que se relaciona com a violência contra a mulher, que será discutida mais para frente.

“Eu já fui roubado muitas vezes, espancado, muitas vezes usurpado, tomaram de mim com violência... Aqui a pessoa não pode ter um celular na rua, porque vem o noiado, doido, querendo pedra, querendo droga, querendo fumar e pode te fazer mal por causa de uma coisa de pouco valor.” (Los Angeles. 2017)

“Eu tenho uma faca aqui, outra faca aqui, isso aqui é mordida de gente... Gente de rua. Tentaram me roubar, eu reagi, fui lá e ele me mordeu...” (Tóquio. Mar/2018)

“Eu me envolvi com um rapaz de rua... E ele me perseguia, eu falei que ia pro plano e ele vinha atrás de mim, tipo com perseguição. Aí chegou aqui, eu comecei a olhar carro e ele também inventou de olhar carro... Aí ele me deu umas furadas em mim, eu me internei no hospital de base, peguei infecção hospitalar, fiz uma pá de cirurgia, agora tô esperando cirurgia, fui no INSS ver se eu conseguia o benefício lá, porque eu tô encostada, me negaram a perícia, tô aí jogada na rua...” (Lisboa. 2017)

Há ainda, dois casos em que a violência sofrida em um outro estado em comum, São Paulo, foi o motivo da vinda de *Rio* e *Manila* para o Distrito Federal. O primeiro teve sua documentação roubada por outras pessoas em situação de rua, já *Manila* fugiu para cá por ter sido ameaçada por uma pessoa em situação de rua quando estava no Brás.

Quando se busca entender a partir dos relatos, o que motiva os casos de violência entre a PSR percebe-se que em alguns casos, ocorre uma situação de disputa entre eles, seja de algum bem, seja de território, enfim, disputa de regalias ou privilégios que uns têm e outros não. Além disso, o uso de álcool e droga entra como causa e consequência da violência, quando se analisam os trechos a seguir:

“Morador de rua tem uns que bebe pra caçar encrenca, usa droga pra roubar, tem uns que é assim.” (Dublin. 2017)

“...Porque quer dinheiro, quer usar droga, que beber... As vezes tá com sede, quer comprar água, não tem... E aí cai pra cima de quem tá mais fraco.” (Lisboa. 2017)

O segundo ponto a ser analisado e discutido é identificado como a violência cometida contra a PSR por pessoas que são de outros nichos da sociedade, não se considerando aqui os serviços públicos, policiais e de segurança. Será chamado aqui de “sociedade formal”, para melhor entendimento e discorrimento da análise. Percebe-se que este ponto é um outro tipo de situação recorrente na história de vida dos pesquisados, o que leva à uma reflexão que a sociedade dita como “formal”, não generalizando, obviamente, amedronta àqueles que estão em situação de rua. Os casos contados consistem em roubos, agressões, humilhações e incêndio.

Um primeiro e curioso caso está relacionado ao roubo cometido contra *Buenos Aires*, que assim o descreve:

"Uma vez, os moleque não era lá do mocó não, mas levaram um tênis... Eu cheguei daquele jeito mesmo, chapadão, aí acordei sentindo um frio no pé..." (Buenos Aires. Mar/2018)

A situação torna-se curiosa, pois aparentemente, pela maneira com que ele conta a história, “os moleque” eram jovens de nível social mais elevado, em termos financeiros, o que traz à tona a reflexão do que os motivou a cometer o ato. Não se sabe se por diversão, vandalismo, ou até mesmo, complexo de superioridade. Estes fatores também podem ser observados em outro trecho de *Buenos Aires*:

“Tava dormindo e já jogaram tinta na gente, tinta, aquele balde de tinta... Tudo encapuzado a gurizada... Era playboyzinho... Foi em Goiânia também...” (Buenos Aires. Mar/2018)

Nova Iorque, quando questionado sobre violência, contou uma situação em que foi espancado próximo ao Hospital de Taguatinga (HRT), e que até hoje, não sabe o motivo:

"Fui atacado no hospital de Taguatinga, foi em 2001... Me bateram, os noiados que tinham lá... Noiado mesmo, não era morador de rua não, os noiado que fica fumando droga lá... Sem motivo nenhum, chegou batendo em mim."(Nova Iorque. Mar/2018)

Outra situação parecida, em se tratando de agressão física, aconteceu com *Dublin*, quando ele passou oito anos nas ruas do Núcleo Bandeirante, e com o tempo, foi percebendo que pessoas estranhas iam aparecendo pelo local:

"8 anos eu passei no Bandeirante, eu ia pra Minas Gerais e voltava pro Bandeirante. Na rua, eu morava lá atrás da feira, a feira lá embaixo perto do Maia, eu fiquei 8 anos só ali. Povo dali é bom, aí depois começou a acontecer algumas coisas, aparecendo gente estranha, gente de fora, caçando briga, já quebraram meu braço, enquanto eu dormia. Eu fiquei 8 dias internado aí nesse hospital, e aí quebrou meu cotovelo, sabe? Uma barra de ferro na minha cabeça, aí eu botei o braço e quebrou o cotovelo." (Dublin. 2017)

Ainda sobre agressão física, corroborando com o fato ocorrido com *Dublin*, tem-se a afirmativa de *Baltimore* sobre a "sociedade formal":

"Eles gostam de botar fogo nos outros e furar." (Baltimore. Jan/2018)

Buenos Aires contou com detalhes uma situação enfrentada em sua trajetória, quando ele foi para uma casa de recuperação em São Sebastião, que era gerenciada por um pastor. Ele alega que o sofrimento e a humilhação que enfrentou quando estava lá foram grandes e que após os acontecimentos vividos lá, ele enxerga a instituição como uma fachada:

"Eu só queria me sair cara, só queria ir embora, não era nem por abstinência, nada não, não tinha nada de abstinência comigo naquele momento ali não, eu só queria sair mesmo pelo tratamento... Eu vi que isso aí é fachada... Aí eu saí do portão lá, aí ele falou: 'ó, cê não pode pedir ajuda aqui não', porque olha só, vir de lá de São Sebastião aqui na 'pernada', sem nada, até um pedacinho eu vinha, aí eu pedi carona... Ele falou: 'não pode manguear aqui não', eu falei: 'por que?' , ele disse: 'se manguear aqui, eu vou dar umas pedradas em você' , pegou um pedrão desse tamanho mano, diante de Deus, tô mentindo não nessas ideia aqui não, parece até brincadeira...O cara queria me dar uma pedrada do nada e eu não faltava respeito com ele não irmão..." (Buenos Aires. Mar/2018)

Um último caso analisado foi sofrido por *Nova Iorque* e seu irmão mais velho. Neste caso específico, não houve agressão física ou roubo, mas sim um atentado ao local em que eles viviam. Foi um caso de incêndio, onde eles até hoje não sabem ao certo quem colocou fogo e muito menos o motivo.

"Nós morava ali perto da Sagrado Coração de Jesus, ali do lado ali e meteram fogo lá. Morava lá mais meu irmão mais velho, nós num tava lá não... Na hora que chegamos lá tava tudo queimado." (Nova Iorque. Mar/2018)

Um terceiro ponto que se refere à violência interpessoal é a violência cometida pelos serviços públicos, seja a segurança pública (polícia, guardas municipais) ou até

mesmo os serviços de saúde (profissionais de saúde). Existe uma hipótese que pode ser anexada a esta situação de vulnerabilidade a este tipo de violência, que aqui chamaremos de violência autoritária, ou seja, que é cometida por pessoas que desempenham alguma função que lhes conferem certa competência e por conta desta competência, surgem casos em que o profissional entende que tem poder sobre a PSR. Isto ocorre talvez pelo fato de serem vistos como sobranes (Castel, 1997), como já foi visto na introdução deste estudo.

No que diz respeito à violência autoritária relacionada aos serviços de saúde, tem-se apenas um relato de *Lisboa*, mas que merece menção e destaque. Já *Roma*, *Sampa* e *Buenos Aires* contam experiências de suas trajetórias de vida nas ruas que se relacionam com a segurança pública.

O relato de *Lisboa*, apesar de ser relacionado com a saúde tem também uma questão relacionada ao registro de boletim de ocorrência e a falta da polícia.

“Eu não mereço estar sofrendo, porque eu perdi muito sangue, quando aquele carro me bateu, até hoje tô toda arreventada (acidente). Eu tava no hospital de base... Lá dentro tem violência, a gente pede pra ir lá depois, porque a gente fica esperando sopa, alguma coisa que as pessoas leva pras pessoa doente, e lá mesmo tem violência, a gente vai fazer ocorrência e não tem polícia... No hospital de base. (Lisboa. 2017)

Lisboa conta que sofreu um acidente de trânsito que a fez perder muito sangue e acabou fazendo com que ela precisasse ser hospitalizada, e no processo de hospitalização, acabou sofrendo com a violência lá dentro. *Lisboa* não entrou em detalhes sobre o caso, mas fica a ideia de descaso por parte dos profissionais, que agiram com negligência, visto que ela já se encontrava em um estado de vulnerabilidade.

Em relação à segurança pública, inicia-se a discussão com uma frase de *Buenos Aires*, que coloca a polícia e a guarda municipal como problemas da PSR:

"Mas a polícia também, guarda municipal também que é o problema dos morador de rua tem hora..." (Buenos Aires. Mar/2018)

A partir deste pressuposto, nota-se um certo receio com relação às pessoas que na prática deveriam prezar pela paz e pela segurança, profissionais capacitados para isso. Mas entra de novo em foco a questão do abuso de autoridade cometida por alguns. Em outro trecho do relato, *Buenos Aires* ainda complementa, dizendo que a polícia é “suja”:

"A polícia ela é muito suja, sabe? Eu concordo assim, quando faz o trabalho mesmo, agora pra chegar e abusar, chegar chutando, quebrando as coisas dos outros, se tiver isqueiro estoura o isqueiro dos caras..." (Buenos Aires. Mar/2018)

Percebe-se em um relato de Sampa a questão de a polícia ignorar o fato de conhecer a pessoas que está abordando, saber quem é, de onde veio, e por não utilizar deste meio, o profissional acaba por deduzir que a pessoa seja algum criminoso ou algo neste sentido:

“Cara, eu já passei por umas abordagens onde o cara, os polícia não perguntou como era meu nome, meu proceder, já chegaram, achou que por eu andar na noite, ele já deduz, já fala ‘ih, é vagabundo’” (Sampa. Jan/2018)

Nesta ocasião contada por ele, nota-se o descaso de o policial procurar conhecer quem ele era e já chegar abordando, em suas palavras, por ele “andar na noite”, julgando-o como vagabundo e utilizando de violência. Um caso parecido aconteceu com *Roma*, quando foi agredido por policiais sem ter feito nada:

“Tem uns vinte dias atrás mesmo, fui dormir na 103 ali, onde eu durmo, subi no meu mocó, a viatura da GTO parou do lado, mandou eu descer, quando eu desci o cara me deu dois tapa na cara, sem eu fazer nada. Fiquei revoltado, até hoje sou revoltado com isso, mas eu não vou perder meu tempo.” (Roma, 2017)

Buenos Aires conta que também sofreu violência por parte da segurança pública quando morava em Goiânia e foi agredido pela guarda municipal de lá:

"Já peguei socão mesmo, depois que eu falava que era deficiente, mesmo assim, pegava uns tapa pra sair fora... Em Goiânia, em Goiânia os guardinha municipal lá são folgados mano, são folgados mesmo, não tem aqueles borrachona lá? Eu dormindo lá na rodoviária, tranquilo, até sonhando, suave na nave e tal, tranquilo... De repente eu sinto aquela pesada, aquele cuturnão, 'PEI'... Doeu, mas sabe quando cê tá dormindo? Cê pensa que é pesadelo... Aí deu outra: 'PEI'... 'É vagabundo, levanta daí' Essa aí já doeu que eu levantei e falei: 'Ôh cara, que isso, tô dormindo aqui...' Não tem aquele cassetete de borracha? Deu na minha perna moleque, 'PEI'... Aí que eu falei 'perai, perai mano, tenho problema na perna aqui, sou deficiente físico...' Aí ele: 'E eu tô perguntando rapaz? Levanta logo e sai fora daí!...' (Buenos Aires. Mar/2018)

Quando ele diz “borrachona” está se referindo aos guardas municipais da cidade, que ele considera como folgados e que na ocasião ignoraram a sua deficiência por conta do acidente e o agrediram brutalmente enquanto ele estava dormindo, simplesmente para o expulsar daquele local.

Em contraponto dos episódios de violência já sofridos durante sua trajetória nas ruas, *Sampa* acredita que a polícia de Brasília melhorou bastante na sua conduta, segundo suas palavras, está mais “adestrado”. Além disso, ele conta que assim como existe serviço de inteligência por parte da segurança pública, também existe na PSR, e que quando a PSR tem conhecimento e informação das leis e tem voz, consegue se defender da violência policial:

“Hoje aqui em Brasília o polícia, ele melhorou demais, já foi pior, já tá bem melhor, hoje eles tão mais ‘adestrado’, eles tão mais ‘adestrado’ e nós também... Tem serviço de Inteligência na polícia e tem do lado de cá também, tá ligado? Tem pessoas inteligentes também articulando tudo ao nosso favor, né... E tem pessoas que fizeram leis também né, pensando nisso, pensando no que poderia vir, né, então nós também não estamos desinformados assim né, quanto à violência né, ele pode te agredir durante a noite, mas você, se tiver voz...” (Sampa. Jan/2018)

É ao mesmo tempo interessante e preocupante se pensar neste paradoxo que é a PSR ser agredida por quem preza pela segurança de toda a sociedade, que é a própria segurança pública, o que se deve à medida repressiva utilizada pela segurança pública (Bonamigo et. al.). Isso leva a uma reflexão bem complexa, ao se considerar que a PSR é um grupo já bastante vulnerável em diversos aspectos e que seria talvez um dos que mais necessitam do cuidado da segurança. Atitudes deste tipo por parte da segurança precisariam ser revistas e novas estratégias deveriam ser estudadas.

O último ponto a ser discutido neste capítulo se refere à violência sofrida por mulheres em situação de rua, ou seja, sofridas pelas três mulheres que participaram da pesquisa. São poucas referências a este problema, mas que dizem respeito aos direitos, abuso sexual e violência conjugal.

Lisboa, quando perguntada se ser mulher na rua é sinônimo de sofrer mais violência, assim respondeu:

“É. Porque a gente quer ir atrás dos direitos da gente e sempre a porta é na cara.” (Lisboa. 2017)

Percebe-se em sua fala uma preocupação com a negação de direitos referentes às mulheres. Não se sabe ao certo porque ela tocou neste ponto da problemática, porém, pode-se afirmar que em sua trajetória de vida, em alguma situação já teve dificuldades na busca por direitos, talvez na perseguição sofrida por outro rapaz de rua, que era seu companheiro, já mencionada no início deste capítulo.

Em se tratando de brigas conjugais, *Atenas* também tem marcas deste tipo em sua caminhada, pois segundo sua fala, ela diz que por conta do consumo do álcool de ambos, já brigou muito com seu companheiro, que a agredia e ela revidava. Já *Manila* teve um caso mais sério de violência contra a mulher, quando foi abusada sexualmente em um barraco que tinha numa invasão perto do late Clube, e acabou saindo de lá com medo de que fosse atacada novamente.

Na sociedade em si já existe uma maior dificuldade pelo simples fato de ser mulher, é conhecida a história de luta por direitos e casos de violência contra este grupo. E ser mulher na rua é ser ainda mais vulnerável à ataques, seja de conhecidos ou não.

Isso traz à tona um debate que precisa ser ainda mais aprofundado, para se confirmar a veracidade dos fatos.

6.2.2. VIOLÊNCIA PESSOAL OU VIVENCIADA

Neste capítulo serão apresentados relatos e produtos da pesquisa que se referem à violência pessoal, considerada como aquela que foi cometida por si mesmo e a violência vivenciada, considerada como casos em que se presenciou violência na trajetória de rua. A trajetória de cada um nas ruas é única, porém, é quase comum a todos o fato da aproximação com o crime ou situações tidas como erradas, seja direta ou indiretamente. Por conta disso, surgem relatos em que os entrevistados acabam por trazer um pouco do que eles já vivenciaram ou cometeram em suas caminhadas como pessoa em situação de rua como *Roma* ao contar sobre o início de sua trajetória na rua:

“Comecei a conhecer coisas erradas, como o tráfico, o crime...” (Roma. 2017)

Apesar de não terem sido claros quanto aos detalhes de seus relatos, *Denver* e *Roma* têm em comum em suas trajetórias o fato de já terem sido presos, declarando que já tiveram contato com o crime ou com situações que foram consideradas ilícitas. Ao continuar a contar sua trajetória de rua, *Roma* informou em outra parte de seu relato que já ficou preso 7 anos e que na ocasião da entrevista estava em prisão domiciliar, e assim como ele, *Denver* também estava, ao afirmar que estava há 5 dias na rua:

“Quando foi nos meados de 2000, 2002, conheci a mãe da minha filha, fiquei com ela 6 anos, larguei dela, caí na dependência do álcool, das drogas novamente, comecei a fazer besteira, fui preso, tirei quase 7 anos de cadeia, quase 8 anos, tô na rua de novo, tô de domiciliar, tô assinando, fevereiro acaba minha cadeia...” (Roma. 2017)

"Tô de domiciliar, tô há 5 dias agora na rua." (Denver. Mar/2018)

Diante de outros relatos obtidos, é relevante levantar a questão de que aquilo que é visto também pode deixar marcas. *Chicago* e *Denver* informaram em suas entrevistas que já vivenciaram cenas de violência acontecendo nas ruas e seus casos são interessantes, pois ambos alegam nunca terem sofrido violência estando na rua, porém viram colegas sendo agredidos. No caso de *Chicago*, um homem que estava ao seu lado levou um tiro e morreu, e no caso de *Denver*, ele se considera um “caso raro”, como se pode ver em seu relato:

"Eu sou um caso raro irmão, eu tô há quase 7 anos na rua, não tenho nenhuma cicatriz no corpo, não tenho nenhum inimigo, mas é um caso muito raro, morreram vários amigos meus, morreu um amigo nosso que eu fiquei muito chateado, porque era uma pessoa mais pacífica do mundo, era estudante da escola parque lá também, o R... Tô falando dele porque ele não fazia mal pra ninguém, de uma forma assim que era um cara totalmente pacífico, foi morto com muita violência." (Denver. Mar/2018)

Sampa traz em seu relato um misto das duas situações, seu envolvimento como sendo o agressor em sua adolescência e situações de hoje em dia, em que ele vivencia situações violentas:

"Na minha adolescência eu fiz muitas coisas que não foram legais né... E até no dia de hoje eu venho presenciando isso, pessoas do meu lado morrendo, já vi pessoas do meu lado morrendo, já vi pessoas do meu lado tomando faca, cara, e são cenas que não sai da memória, porque aí você vê o cara morrendo e já foi a vida dele, já era..." (Sampa. Jan/2018)

E ao ser questionado sobre o que fez na adolescência, ele é objetivo e orgulhoso:

"Apanhei pouco, bati mais, não vou mentir, né..." (Sampa. Jan/2018)

Nos relatos apresentados neste segmento, nota-se que a presença da violência na trajetória de pessoas em situação de rua também pode ser vista do ângulo de que eles mesmos podem ser influenciadores dos atos violentos. Não é algo que se generaliza, mas sim, que faz parte da história de vida de alguns. Além disso, vale ressaltar que mesmo que a pessoa não tenha em sua trajetória marcas de violência que se referem à si mesmo, ainda assim, este pode ter vivenciado algum acontecimento, que indiretamente te deixou marcas e ficou em sua memória.

6.2.3. VIOLÊNCIA SILENCIOSA (Zaluar, 1999) NAS RUAS

Neste segmento, faz-se referência e apoia-se fortemente no trabalho de Zaluar (1999), onde foi apresentada a questão da violência silenciosa, que com a análise, muito se adequou a este estudo com a PSR. Violência silenciosa, em resumo, diz respeito às condições impostas pelo estado ou pelas governanças, que sem que a população perceba, acaba afetando em seu cotidiano e sua trajetória. Como exemplo de violência silenciosa, foi utilizada a questão do salário mínimo no estudo, que indiretamente afeta na história de vida da pessoa. Ao se trazer esta questão para o mundo da PSR, observa-se a partir dos relatos obtidos, que pode-se trazer marcas de suas trajetórias que muito têm a ver com a violência silenciosa.

Se relacionando com o exemplo supracitado do estudo de Zaluar, tem-se o relato de *Los Angeles*, que em sua visão, entende que o fato de receber muito ou pouco dinheiro, não define a consciência e inteligência da pessoa:

“Estar na rua é ser vítima de uma população impiedosa... Porque você receber 5 mil reais a vida inteira e eu receber 5 centavos, não é usar a consciência, não é ser inteligente, não é ser um ser evoluído, isso é um ser malandrão, vagabundo, irracional, que acha que está por cima, mas na realidade no saber é muito carente.” (Los Angeles. 2017)

Em consonância com o relato de *Los Angeles*, *Roma* traz em seu relato a afirmativa de que na rua existem pessoas inteligentes e capazes de ter o que outras pessoas da sociedade têm, e ainda traz a discussão da invisibilidade da PSR:

“A rua não é ruim, quem faz a rua ficar ruim são as pessoas, principalmente a sociedade, porque pra ela o morador de rua é invisível, sendo que é o contrário, na rua tem muitas pessoas inteligentes, que tem capacidade de estar dentro de um apartamento desse, ter um carrão, ter um serviço bom, só que pra pessoa chegar a esse nível tem que ter apoio familiar, psicológico, principalmente da sociedade.” (Roma. 2017)

Para continuação do debate aqui apresentado e para elucidar um pouco mais o que será discutido, faz-se válido apresentar um trecho do relato de *Seattle*, que traz uma reflexão sobre o que a PSR busca:

“Nós população de rua, não queremos mais papelão nem sopa, nossa fome é por direitos, direitos sociais, direitos humanos. A nossa fome é a fome de luta, é a fome que nasceu lá no massacre da Praça da Sé em São Paulo, em 2004, quando sete pessoas em situação de rua foram mortas.” (Seattle. 2017)

E relacionando isto com o que ele entende sobre a rua, tem-se este outro trecho:

“Vocês imaginam o que é passar 4 meses ou 1 mês ou 1 dia na rua? Só sabe quem já viveu.” (Seattle. 2017)

Partindo do pressuposto de que é o estado que define as leis que devem ser seguidas, observa-se na fala de *Sampa* uma grande marca indireta da consequência dessa imposição de leis:

“A raiz do mal é o álcool, tudo começa pelo álcool... E é legalizado, então, tipo assim, os nossos governantes enxergam o papel, eles não enxergam minha vida nem a sua que tá se acabando através dessas coisas que é liberado, então tipo assim, ele enxerga o lucro...” (Sampa. Jan/2018)

É interessante, pois mesmo sem ser mencionada esta questão na entrevista, espontaneamente *sampa* traz à tona uma reflexão muito impactante ao relacionar o

consumo do álcool com o lucro, afirmando que os governantes focam no dinheiro, ou seja, na venda exacerbada do álcool, que vem a movimentar a economia.

Encontram-se nos relatos de *Buenos Aires* e *Lisboa*, aspectos que se relacionam ao desejo de direitos e dignidade que as pessoas em situação de rua têm. E isso muito pode se atrelar à violência silenciosa, pois a falta de dignidade afeta o cotidiano da PSR:

“Quem tá na rua também tá brigando, tá resolvendo problema... Tá indo atrás de uma carteira de trabalho, tá indo atrás de cheques, tá indo atrás de prontuário hospitalar...” (Lisboa. 2017)

"Ah cara, vou falar pra você, a rua pra mim, no meu pensamento mesmo, pra mim, a rua é destruição irmão... Porque assim, na rua não adianta nada você ter... Graças à Deus que essas pessoas vêm, traz comida pra gente lá, traz roupa, mas eu procuro uma dignidade né cara, assim, uma casinha, dormir bacana, levantar bacana, tomar um banho bem entendeu? Dormir num lugar bem, que eu possa levantar a hora que eu quiser e trabalhar... Na rua também você pega muita doença, muita frieira, muita coisa, muita doença de pele..."(Buenos Aires. Mar/2018)

Considera-se então, com base nos relatos que ter carteira de trabalho, cheques, prontuário hospitalar, “uma casinha”, “dormir bacana” tomar um banho e trabalhar são direitos que a PSR muitas vezes não têm e que acabam por privar de gozar de uma dignidade.

Portanto, de acordo com os relatos e o que se entende como sendo violência silenciosa, resolveu-se considerar a situação de rua como sendo um exemplo próprio de violência silenciosa, pois, muito se deve ao estado o fato da existência de desigualdades, e sabe-se que este é um dos fatores de existir a PSR em grande quantidade. Em concordância com isto e encerrando este segmento, traz-se a fala de *Buenos Aires*, que diz que “ser morador de rua, não é vida”:

"Mas aí, ó cara, já passei umas e outras aí também aí... Nessa vida aí... Que não é vida né cara, pro ser humano, não é vida, virar morador de rua não é vida não irmão... Põe difícil nisso, a rua é tristão mesmo..." (Buenos Aires. Mar/2018)

6.2.4. VIOLÊNCIA, SENTIMENTOS E A BUSCA POR SEGURANÇA (A NOITE NAS RUAS)

Ao se falar sobre a questão da violência, conseqüentemente se aborda a questão da segurança, ou a falta dela, ou seja, a insegurança, que por si só, já é um sentimento, mas que nos leva a ter outras emoções e sentimentos aflorados, dentre eles,

o medo ou a incerteza. Todos podem ter sentimentos como angústias e sofrimentos quando se está propenso a maior vulnerabilidade em relação à violência (Vieira e Zornig, 2015). Vale lembrar que a segurança pode estar relacionada com os determinantes sociais de saúde, visto que ela muito tem a ver com as condições de vida da população (Paim, 2009).

Diante deste pressuposto, foram notados nas falas dos entrevistados trechos que pudessem remeter aos sentimentos de insegurança e medo que parecem estar mais despertados quando se vive nas ruas, por conta especificamente da situação de vulnerabilidade em que se encontram, como se pode observar nos trechos dos relatos de *Nova Iorque* e *Denver*:

"Na rua é muito perigoso né..." (Nova Iorque. Mar/2018)

"A violência tá presente em todo momento, e ela vem de várias partes... Todas as partes..." (Denver. Mar/2018)

E ainda, nesta fala de *Lisboa*, quando foi feita uma pergunta sobre a maior dificuldade que encontra na rua:

"É a falta de segurança... Não tem segurança, porque... Quando você tá na rua depois de meia noite, até tem segurança, mas eles não podem tá o tempo todo né?" (Lisboa. 2017)

De pronto, além do que diz respeito à falta de segurança no geral, percebe-se um fator curioso que também estará presente nas falas de outros entrevistados: quando a mulher utiliza o termo "meia-noite" logo se entende que o medo nas ruas se acentua à noite, quando provavelmente, encontra-se em uma situação de maior perigo.

Nas palavras de *Sampa*, a noite, assim como a rua, é traiçoeira:

"Você tem que ter cuidado, porque ela é muito traiçoeira, a rua né, e à noite, é traiçoeira... É outra lei à noite..." (Sampa. Jan/2018)

Quando ele diz que a noite é outra lei, percebe-se em suas palavras que as noites na rua têm suas próprias leis, ou seja, são regidas por normas e situações que não competem à lei dita comum. Já para *Jakarta* as noites nas ruas são regidas por situações em que não existe nada que possa interferir naquilo que está propício a acontecer:

"A rua é uma coisa sem lei." (Jakarta. 2017)

Outro entrevistado traz à tona em seu relato a questão desta incerteza do que se pode acontecer quando se dorme nas ruas, mais uma vez, ressaltando-se uma maior preocupação com as noites:

“Muitas vezes você tá dormindo, você não sabe o que vem, se vem alguém e joga uma pedra na sua cabeça, se vem alguém e te dá um tiro na calçada, se vem alguém e mijá em cima de você, entendeu? Se vem alguém e mete fogo em você...” (Budapeste. 2017)

Este “alguém” de fato pode ser somente um alguém desconhecido, pois nota-se aqui uma outra incerteza observada em algumas situações que veremos adiante, onde nem mesmo se sabe ao certo quem cometeu o ato violento.

Porém, por vezes este alguém não é assim tão incerto. Por mais que não se tenha muitos detalhes certos de quem o atacou, repete-se aqui o trecho em que *Buenos Aires* discorre sobre um episódio em que foi atacado sem motivo algum enquanto dormia, onde ele traz características dos que cometeram o ato violento:

“Tava dormindo e já jogaram tinta na gente, tinta, aquele balde de tinta... Tudo encapuzado a gurizada... Era playboyzinho...” (Buenos Aires. Mar/2018)

Percebe-se com base nos relatos que a PSR tem em si uma preocupação muito grande com a dormida nas ruas, como dormir, onde dormir, qual horário dormir, ou seja, tem-se o “dormir” como uma dificuldade e um desafio encontrado na vida nas ruas. Esta dificuldade, por sua vez, se relaciona com o fator da violência, como observado neste trecho de *Buenos Aires*:

“A maior dificuldade que eu encontro na rua é a dormida né cara, pra dormir assim bem, seguro, entendeu? Na rodoviária tem um lugar perto da polícia lá que cê dorme mil grau né, dorme bacaninha, mas tem que acordar cedão né, porque chega os cara da loja... Mas lá em cima lá não dá não, lá em cima lá é bronca em cima de bronca, os cara roubando um ao outro, os cara brigando por causa das droga entre eles mesmo, a polícia mesmo não liga não po, quando vê os cara ali, a polícia quer que os cara se mata sabia?” (Buenos Aires. Mar/2018)

Neste relato, pode-se notar que o simples ato de dormir é acompanhado pela insegurança, o local onde se dorme, a violência entre a PSR, e o descaso da segurança pública com o que acontece, apesar do paradoxo de ser a presença dela o que confere uma boa dormida em determinados locais.

Ademais, entende-se também que a dificuldade de dormir se relaciona com outras dificuldades que não só a violência:

“A rua pra mim não é boa não. A rua é muito difícil, sabe? A rua também é sofrimento. Ah, cê dorme num papelão, as vezes você larga a coberta num canto, chove e molha, aí você já dorme desembrulhado, de todo jeito é sofrimento né?” (Dublin. 2017)

"Tem assim, lugar pra dormir né... No caso nós dorme aqui, mas se chover demais, molha tudo..." (Nova Iorque. Mar/2018)

Nota-se nestes trechos de *Dublin* e *Nova Iorque* uma relação forte do “dormir” com a dificuldade da chuva e ainda, o sentimento de sofrimento. A chuva não necessariamente se encaixa na temática da violência, porém, aparece como outra dificuldade de dormir nas ruas, que já é complicado, no que diz respeito à violência. Ainda sobre o desafio de dormir na rua, *Dublin* e *Atenas* completam:

“Nós não dorme não, cochila.” (Dublin, 2017)

“Viver em família na rua é complicado, aqui a gente não dorme.” (Atenas. Fev/2018)

Observa-se até aqui que a rua parece ser mais misteriosa, perigosa e insegura durante a noite, ainda mais para quem faz dela sua “casa”. E *Sampa*, concretiza esta ideia, a partir de duas falas curtas, trazendo novamente à tona o sentimento do medo, afirmando que na rua existem “loucos e psicopatas” e ainda, definindo a noite nas ruas com uma expressão bem característica do ditado popular, quando se quer dar ênfase ao sentido da frase:

“Cara, à noite é sexo, droga e rock and roll tá ligado? Sexo, droga e rock and roll...”

“Sem contar quando você fica com medo, que alguém pode vim te matar, porque tem pessoas loucas, po, a noite ficou pra loucos e psicopatas...” (Sampa. Jan/2018)

Quem está na rua, vive cercado pela insegurança, medo, incerteza do que pode acontecer, falta de paz, que entre outros fatores, são sentimentos atrelados à violência. Portanto, a PSR busca em todo momento estratégias para se sentirem mais tranquilos e conseguirem sobreviver. A PSR, mesmo em meio a ruídos, busca paz e segurança, entre outros direitos:

“Eu tô na rua porque eu queria um lugar pra mim ter um pouco de paz com meus filhos né? Porque eu não tenho casa e eu tô lutando até hoje pra ter essa casa com água e luz dentro que eu tenho direito.” (Lisboa, 2017)

Percebem-se nos relatos estratégias utilizadas por alguns dos entrevistados para fugir ou ao menos tentar fugir de algum mal que possa acontecer. As estratégias baseiam-se em onde dormir, como dormir, em que horário dormir e ainda, como proteger seus bens na hora de dormir:

“Pra dormir eu durmo de dia, porque eu não confio em dormir à noite, porque é muita traiagem na rua, então o bagulho é embaçado. O clima à noite é muito tenso.” (Jacarta. 2017)

“Eu durmo com a minha mochila assim, eu pego esse negócio aqui, coloco aqui, tranço aqui...” (Buenos Aires. Mar/2018)

“Na rua é assim né, o cara dorme aqui, dorme ali, dorme lá, aí vai né...” (Nova Iorque. Mar/2018)

Já *Moscou* e *Rio* buscam se proteger vivendo e dormindo perto do Instituto Hospital de Base (IHBD), pois ali acabam se sentindo mais seguros, ainda mais pela presença constante de policiais e guardas, o que se contrapõe aos atos violentos sofridos por outros entrevistados, com relação a este serviço público.

No que diz respeito à segurança e violência e os sentimentos trazidos por esta relação, percebe-se a partir das falas dos pesquisados que apesar dos desafios, em sua maioria, eles buscam sempre meios para se proteger e fugir desta situação. Percebe-se ainda, que por mais que a violência induza a sentimentos ruins, a busca pelas estratégias induz a um sentimento de bravura e coragem.

7. DISCUSSÃO

O processo de construção de relações sociais nas ruas é contínuo, pois ao se chegar em um novo local, a pessoa em situação de rua necessita de se comunicar com quem já se encontra ali, para iniciar e manter um vínculo, o que promove sua aceitação naquele coletivo de pessoas. Além disso, a rua em si é um grande processo de idas e vindas, encontros e desencontros, de cotidianos e rotinas de pessoas de todos os tipos. Este processo proporciona à pessoa que o vive e ao próprio coletivo, uma interação, com uma possível troca de saberes, que os leva a ter forças para manter seus modos de vida, ou seja, suas estratégias de sobrevivência e os próprios vínculos.

São as subjetividades de quem apenas transita, perpassa ou de fato vive nas ruas, que acabam por criar os vínculos e relações sociais nela contidos, que levam aos acontecimentos construídos neste cenário, e que, conseqüentemente, constroem as trajetórias de cada um. Por mais rápida que seja a passagem de algum indivíduo pela rua, isso já denota algum significado de relação social, pois de certa forma, esta pessoa foi observada e notada por alguma outra pessoa que também perpassa ou vive na rua, causando uma relação social, por mínima que seja.

Para quem está em situação de rua, ou mora nela, este processo de vínculo nas ruas torna-se ainda mais rico em situações, no que diz respeito à trajetória que é criada no cotidiano. A PSR, com toda a sua vulnerabilidade e peculiaridade, acaba por construir este processo cada vez mais, dia após dia e a cada ação, constituindo assim a sua história de vida nas ruas, que é única, ou seja, cada indivíduo constrói a sua, com as suas particularidades, e a história contada por um indivíduo, além de sua história de vida, torna-se a sua verdade.

A trajetória de vida nas ruas, por si só, pode ser representada por diversos fatores, que podem ou não serem relacionados a outros fatores, coexistindo entre si. No estudo, sabe-se que o fator maior analisado foi o fator violência, e junto a ele, outros também fizeram parte da construção da análise.

Desta maneira, a partir dos resultados encontrados nos relatos, a violência, em todos os seus aspectos apresentados neste estudo, é parte presente nas trajetórias de vida da PSR, que vivencia, sofre, e até mesmo comete atos violentos. Vale lembrar ainda, que de acordo com a análise do referencial e dos relatos, considera-se como violência o próprio fato de ser uma pessoa em situação de rua, que seria reflexo da violência silenciosa. E no que tange à violência dita como silenciosa, pode-se ainda englobar como

consequência dela o que foi discutido no início deste estudo, acerca da dificuldade de se conseguir construir uma definição própria para a população em situação de rua.

A PSR então, já sofre com a violência cometida pelo próprio estado, que a priva de determinados direitos, por meio de leis que são impostas e dificultam o processo de recriação de dignidade em diversos aspectos de vida e sociais de direitos. Além disso, tendo como um dos motivos a sua vulnerabilidade, a PSR está sujeita direta ou indiretamente ao contato com a violência, desde o início de sua trajetória. Isso acaba se tornando um cotidiano, uma rotina para quem vive nas ruas, que acaba por tornar cotidiano também os sentimentos atrelados aos fatos e casos violentos que fazem parte da trajetória de vida das pessoas.

Seja sofrida, vivenciada, vista ou cometida por si mesmo, a violência deixa marcas, e estas marcas, são movidas por sentimentos. A PSR, por ser uma população em situação de vulnerabilidade acentuada, torna-se ainda mais suscetível a carregar estas marcas em suas trajetórias, e em meio a tantos relatos, observa-se que estas marcas influenciam e muito no cotidiano e nos sentimentos que eles têm para consigo, principalmente o medo e a insegurança. Entende-se então, que as marcas de violência nas trajetórias de vida, levam a desenvolver os sentimentos influenciados por estas marcas, que acabam por influenciar no cotidiano destas pessoas, de forma com que eles são movidos a desenvolver estratégias para superar o medo ou a insegurança. Situações como essa se observam em como eles fazem para dormir, por exemplo.

Cada relato aqui trazido traz consigo toda uma trajetória por trás, pois como já dito, cada entrevistado tem sua particularidade, seus acontecimentos, sua vida e suas estratégias de sobrevivência. Diante disso, é notório que a luta pela sobrevivência da PSR, em se tratando de violência, é árdua e difícil. Porém, por mais dura que seja a situação de quem vive nas ruas, é satisfatório entender como eles lidam com as situações cotidianas de episódios de violência que acontecem nas ruas. No que se refere a sentimentos, nota-se aqui um sentimento de bravura, inteligência e coragem, por parte da PSR, quando utilizam de suas expertises para enfrentar a violência.

As pessoas que dispõem de teto para morar, na situação atual de violência do país já se sentem inseguras, quem dirá a PSR, que é uma população que tem como teto o céu aberto. É esta afirmativa que move a discussão aqui apresentada, que vem trazer reflexões e possíveis pontos a serem aprofundados.

Quem tem casa, onde dormir, não está completamente seguro, porém, tem ao menos uma porcentagem de segurança. Agora, quem está nas ruas, precisa se virar para poder ter ao menos uma esperança de que vai dormir tranquilo, seja à noite ou de dia, de acordo com a estratégia que utiliza. Parece até um jogo ao se falar tanto em estratégia, e essa analogia não é descartada, pois pode sim ser comparado a uma espécie de jogo de sobrevivência, onde você precisa desenvolver métodos para não ser subtraído seja de bens, de saúde, de moralidade ou até mesmo, da própria vida. E este é um jogo que ao mesmo tempo em que pode não existir regras, você mesmo pode fazer suas próprias regras, ou sofrer com as regras de alguém que as cria. É no mínimo complexo.

A insegurança nas ruas é constante, e isso perpassa de trajetória em trajetória, seja longa, seja curta. A insegurança e os sentimentos que ela carrega junto afetam a vida e a saúde de quem sofre com ela no cotidiano. É preciso entender que a PSR não é vulnerável somente pela falta de ter onde morar, de ter o que vestir ou de ter o que comer, mas também pela ausência de atributos essenciais para qualquer cidadão, sendo um deles a própria segurança.

Vale destacar que se torna até estranho tocar no assunto segurança em relação à PSR, sendo que grande maioria deles tem algum sentimento ruim com relação até mesmo à segurança pública, por conta de episódios de violência que sofreram por parte da polícia, de guardas e afins, que marcam suas trajetórias. Surge então, o desafio de construir processos em conjunto com o estado, a segurança pública e outros setores, inclusive a PSR, afim de que eles adotem métodos e estratégias diferenciados, para que não já incriminem a PSR como sendo influenciadora de violência por somente estar nas ruas.

Mas para que exista a construção da segurança social, por meio de políticas públicas, é fundamental que as situações sejam problematizadas e discutidas entre os setores da sociedade. Os maiores desafios desta questão são a produção de ações conjuntas da sociedade civil com o Estado, além da produção de atributos que valorizem os direitos humanos e a paz (Bonamigo et. al.). Com isso, a reflexão apresentada neste estudo serve como chave para que se pensem meios e estratégias para a produção de tais ações.

Desde a sua origem, a violência se faz presente em todos os grupos sociais, ou seja, a violência não é algo específico da PSR, mas pode-se dizer que ela está mais presente na vida destas pessoas do que em relação a outros grupos, visto que a violência

se relaciona com a segurança. Diante disso, o presente trabalho levanta discussões em que vale refletir qual o nível de segurança de uma pessoa em situação de rua. Afinal, será que pode se afirmar que a PSR poderá um dia gozar de segurança? Se sim, será que ela estará de certa forma protegida da violência em todos os sentidos? Não é objetivo deste estudo responder a estas questões, mas sim, levantá-las, a fim de se obter reflexões de como a saúde pública pode atuar, em parceria com outros setores da sociedade, inclusive com a própria PSR, em prol de melhorias neste sentido.

Sentir-se seguro é direito de qualquer cidadão, independentemente da situação em que este se encontra. Neste sentido, é dever do estado junto aos outros setores da sociedade promover esta segurança à sociedade, em todos os seus níveis, inclusive àqueles que se encontram em situação de rua. Por isso mesmo, deve existir um contexto de intersetorialidade e multidisciplinaridade nas equipes profissionais, a fim de desenvolver as estratégias e ações.

Desta maneira, faz-se importante a presença do profissional sanitário nestas equipes, a fim de apoiar, auxiliar e até mesmo coordenar tais estratégias e ações, com o intuito de encurtar as relações entre estado-sociedade-PSR. Além disso, faz-se extremamente necessária a participação de representatividades da PSR nestas discussões, a fim de que por meio de seus próprios relatos de história de vida, possa-se assim, contribuir para o bom funcionamento da política.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vale ressaltar aqui, que a afinidade do pesquisador com a temática envolvendo a População em Situação de Rua cresceu ao longo da graduação, de forma com que por meio de projetos como o “Vivência e Estágios na Realidade do SUS” (VERSUS), mais especificamente na edição da cidade de São Paulo, o mesmo teve a oportunidade de conhecer um pouco da história de vida de pessoas em situação de rua de lá, bem como movimentos (como o Movimentos de Sem Teto do Centro – MSTC) e programas (como o Programa de Braços Abertos, da Cracolândia). O projeto em questão teve como tema principal “moradia e saúde”, que acabou por despertar o interesse do estudante.

Antes de se alongar no que diz respeito à importância do estudo apresentado para a Saúde Coletiva e o profissional sanitário, torna-se importante afirmar que é notória a evolução do pesquisador graduando no que se refere às suas habilidades e desenvolvimento com relação às saídas de campo. Sua desenvoltura e maneira de agir perante as entrevistas foram se aprimorando quanto mais eram feitas as saídas. Isso fez com que o estudante se sentisse mais confiante a cada passo do trabalho, visto que enxergava sua evolução como pesquisador.

Além disso, em paralelo com o aprendizado das saídas de campo, fez-se presente o entendimento do papel do sanitário no meio social, entendendo o papel do profissional “fora da caixinha”. Na graduação, visa-se muito a construção de políticas públicas que visem melhorias para populações específicas e para a população como um todo, desta maneira, entendeu-se a importância da pesquisa qualitativa e social nesta finalidade, que tem o intuito de levantar dados subjetivos e analisá-los, de acordo com o proposto.

Desta maneira, o trabalho feito torna-se importante para a graduação em Saúde Coletiva, de forma que faz o pesquisador entender o sentido da alteridade, ou seja, de se colocar no lugar do outro, para entender o outro, e posteriormente, entender um coletivo. E entender o coletivo, de acordo com as subjetividades individuais, faz com que se possa pensar em como desenvolver ideias e soluções para problemas sociais.

Ao se levar em consideração que o bacharel em Saúde Coletiva é formado para atuar em vários campos, fica claro que ele pode e deve engajar-se em lutas e discussões acerca da violência nas ruas e atuar na construção de políticas públicas que visem à segurança da PSR, e ainda a cultura de paz nas ruas, tendo a função de planejar

estratégias, por meio dos conhecimentos que podem ser agregados neste desempenho. Desta forma, tem-se no sanitarista um importante ator na tomada de decisões e desenvolvimentos de estratégias.

Por isso mesmo, como já discutido anteriormente, deve ser inserido, na equipe multiprofissional, o sanitarista, ao se entender que ele possui plena capacidade e conhecimento para contribuir com a construção e reconstrução das histórias de vida nas ruas do Distrito Federal, e assim, quem sabe, auxiliar na mudança de trajetória de muitas pessoas que se encontram em situação de rua, e buscam, para além da paz, uma vida digna e de direitos.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBOTT, Andrew. The Contemporary Relevance of the Chicago School. In: *Social Forces*, Vol. 75, No. 4, p. 1149-1182, Jun. 1997.

ABRAMOVAY, Miriam; FEFFERMANN, Marisa; RÉGNIER, Jean-Claude. Coesão social e vulnerabilidade no Brasil juventudes e violências. **Poiésis - Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação**, [S.l.], v. 5, p. 165-183, nov. 2012. ISSN 2179-2534. Disponível em: <<http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Poiesis/article/view/1172>>. Acesso em: 12 abr. 2018

ADORNO, S. Exclusão Socioeconômica e violência urbana. *Sociologias, Revista do PPGS-UFRGS*; 2002; 8:84-35.

ADORNO, Sérgio. “Monopólio Estatal da Violência na Sociedade Brasileira Contemporânea”. In: MICELLI, Sérgio. (org). *O que ler nas ciências sociais brasileiras. 1970-2002. V. IV*, 2002.

BAUMAN, Zigmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BENTO, António; BARRETO, Elias. *Sem Amor Sem-Abrigo*. Lisboa: CLIMEPSI, 2002.

BONAMIGO, Irme Salete et al . Violências, direitos humanos e segurança pública em debate. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília , v. 31, n. 4, p. 800-813, 2011 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932011000400010&lng=en&nrm=iso>. access on 13 June 2018.

Brasil. Conselho Nacional de Secretários de Saúde. *Violência: uma epidemia silenciosa.* Conselho Nacional de Secretários de Saúde. – Brasília : CONASS, 2007. 134 p. (CONASS Documenta; 15) ISBN 85 - 89545 - 50 - 1 Sistema de Saúde. I Conselho Nacional de Secretários de Saúde. II. *Violência: uma epidemia silenciosa.*

Brasil. Conselho Nacional de Secretários de Saúde. Violência: uma epidemia silenciosa, Seminários Regionais./ Conselho Nacional de Secretários de Saúde. – Brasília : CONASS, 2008. 260 p. (CONASS Documenta; 16) ISBN 978-85-89545-51-8 Sistema de Saúde. I Conselho Nacional de Secretários de Saúde. II. Violência: uma epidemia silenciosa, Seminários Regionais.

CARAVACA-MORERA, Jaime Alonso; PADILHA, Maria Itayra. ENTRE BATALHAS E PEDRAS: HISTÓRIAS DE VIDA DE MORADORES DE RUA, USUÁRIOS DE CRACK. *Hacia promoci. Salud, Manizales*, v. 20, n. 1, p. 49-66, June 2015. Available from http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S012175772015000100004&lng=en&nrm=iso. access on 22 Nov. 2017. <http://dx.doi.org/10.17151/hpsal.2015.20.1.4>.

CARNEIRO JUNIOR, Nivaldo et al. Serviços de saúde e população de rua: contribuição para um debate. *Saude soc.*, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 47-62, Dec. 1998. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12901998000200005&lng=en&nrm=iso. access on 12 Apr. 2018.

CASTEL, Robert. As armadilhas da exclusão. In: WANDERLEY, Mariângela; BÒGUS, Lúcia;

CASTELVECCHI, G. *Quantas vidas eu tivesse, tantas vidas eu daria!* São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

CONCEIÇÃO, Cássio Henrique Oliveira da. Percepção da população em situação de rua dos serviços socioassistenciais do DF. 2017. 97 p. Trabalho de conclusão de curso (Graduado em Saúde Coletiva). Programa de Graduação em Saúde Coletiva, Universidade de Brasília.

COSTA, Ana Paula Motta. População em situação de rua: contextualização e caracterização. In: *Revista Virtual Textos & Contextos*, nº 4, dez. 2005.

DAHLBERG, Linda L.; KRUG, Etienne G. OMS. Relatório mundial sobre violência e saúde. Capítulo 1. Violência - um problema global de saúde pública. Genebra, 2002.

DECLERCK, Patrick. Los naufragos. Madrid: Asociación Española de Neuropsiquiatría, 2006

DE LUCCA, D. A Rua em movimento: experiências urbanas e jogos sociais em torno da população de rua, Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Antropologia Social, São Paulo, 2007.

ESCOREL, S. Vidas ao leú. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000.

FLICK, U. Uma introdução à pesquisa qualitativa. Porto Alegre: Artmed/Bookman, 2004.

FRANGELLA, Simone Miziara. Corpos Urbanos Errantes: Uma Etnografia da Corporalidade de Moradores de Rua em São Paulo. Tese de Doutorado em Ciências Sociais apresentada ao Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 2004.

GERMANO, Idilva Maria Pires. Aplicações e implicações do método biográfico de Fritz Schütze em Psicologia Social. Arquivos Brasileiros de Psicologia. 60 (03). Disponível em <http://www.psicologia.ufrj.br/abp/>, 2004.

GOMES, R. Violence Against The Health of Street Girls. Cad. Saúde Públ., Rio de Janeiro, 10 (supplement 1): 156-167, 1994.

Hbk Res., Vol. III (3rd ed.), 1.11 (Sixth plenary meeting, 25 May 1996 - Committee B, fourth report)

ISBN 978-85-240-4074-0. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário da língua portuguesa. 5. ed.

KASPER, Christian Pierre. Habitar a rua. Tese de Doutorado apresentada ao programa de Doutorado em Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 2006.

Krug EG et al., eds. World report on violence and health. Geneva, World Health Organization, 2002.

KUNZ, Gilderlândia Silva; HECKERT, Ana Lucia and CARVALHO, Silvia Vasconcelos. Modos de vida da população em situação de rua: inventando táticas nas ruas de Vitória/ES. *Fractal, Rev. Psicol.* [online]. 2014, vol.26, n.3, pp.919-942. ISSN 1984-0292. <http://dx.doi.org/10.1590/1984-0292/1192>

LOPES, Maria Lucia. Mudanças recentes no mundo do trabalho e o fenômeno População em Situação de Rua no Brasil – 1995 a 2005. Brasília, 2006.

MATTOS, Ricardo Mendes; FERREIRA, Ricardo Franklin. Quem vocês pensam que (elas) são? - Representações sobre as pessoas em situação de rua. *Psicol. Soc., Porto Alegre*, v. 16, n. 2, p. 47-58, Aug. 2004. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822004000200007&lng=en&nrm=iso>. access on 14 Apr 2018.

MENDES, Mariana Vilas Boas. Os moradores de rua e suas trajetórias: Um estudo sobre os territórios existenciais da População de Rua de Belo Horizonte. Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Sociologia da UFMG, como requisito parcial para obtenção do título de mestre, 2011.

MINAYO, M. C. S. Social Violence from a Public Health Perspective. *Cad. Saúde Públ., Rio de Janeiro*, 10 (supplement 1): 07-18, 1994.

MINAYO, M.C.S. Violência: um problema para a saúde dos brasileiros. In: Ministério da Saúde. *Impacto da violência na saúde dos Brasileiros*. Brasília: Ministério da Saúde; 2005. p. 9-41.

MINAYO, M. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Editora Vozes Limitada, 2011.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL (MDS). *Política Nacional para Inclusão Social da População de Rua*. Governo Federal, Brasília-DF, 2008.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (MS). Manual sobre o cuidado à saúde junto a população em situação de rua. Governo Federal, Brasília-DF, 2012

OLIVEN, RG. A violência como mecanismo de dominação e como estratégia de sobrevivência. In: Violência e cultura no Brasil [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisa Social, 2010, pp. 5-13. ISBN 978-85-7982-006-9. Available from SciELO Books .

OLIVEN, RG. As vítimas da violência no Brasil. In: Violência e cultura no Brasil [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisa Social, 2010, pp. 14-20. ISBN 978-85-7982-006-9. Available from SciELO Books .

OMS. Organização Mundial da Saúde. Relatório mundial sobre prevenção dos traumas causados pelo trânsito. Genebra: OMS; 2004.

PAIS, José Machado. Sociologia da vida cotidiana – Teorias, métodos e estudos de caso. 4º edição. Lisboa: ICS, 2009.

PORTO, Maria Stela Grossi. A Violência entre o fenômeno e o conceito: possibilidades e limites de definição. In: Sociologia da Violência – do conceito às Representações Sociais. Editora Francis, Brasília, 2010. (Capítulo 1)

SACRAMENTO, Livia de Tartari e; REZENDE, Manuel Morgado. Violências: lembrando alguns conceitos. Aletheia, Canoas , n. 24, p. 95-104, dez. 2006 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942006000300009&lng=pt&nrm=iso> Acesso em 09 abr. 2018.

SCHUTZE, F. Biography analysis on the empirical base of autobiographical narratives: How to analyse autobiographical narrative interviews-Part 1. Module B.2.1. INVITE-Biographical counseling in rehabilitative vocational trainingfurther education curriculum, 2007. Disponível em: <http://www.biographicalcounselling.com/download/B2.1.pdf>

VARANDA, Walter. Do direito a vida à vida como direito. Sobrevivência, intervenções e saúde de adultos destituídos de trabalho e moradia nas ruas da cidade de São Paulo.

Dissertação apresentada a Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Saúde Pública, 2003.

VIEIRA, M.A, BEZERRA, E. M.R e ROSA, C.M.M (orgs). População de rua: quem é? Como vive? Como é vista? São Paulo: Hucitec, 1994.

VIEIRA, Ana Carolina Dias; ZORNIG, Silvia Maria Abu-Jamra. Ambiente violento, infância perdida?. Rev. latinoam. psicopatol. fundam., São Paulo , v. 18, n. 1, p. 88-101, Mar. 2015 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142015000100088&lng=en&nrm=iso>. access on 15 Apr. 2018.

YAZBEK, Maria Carmelita. Desigualdade e a questão social. São Paulo: EDUC, 1997.

ZALUAR, Alba. Um debate disperso: violência e crime no Brasil da redemocratização. São Paulo Perspec., São Paulo , v. 13, n. 3, p. 3-17, Sept. 1999 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010288391999000300002&lng=en&nrm=iso>. access on 12 June 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-88391999000300002>.

10. ANEXOS

10.1. Anexo A – Aceite do Comitê de Ética em Pesquisa

	FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - CEP/FS-UNB	
PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP		
DADOS DO PROJETO DE PESQUISA		
Título da Pesquisa: Vinculações: Trajetórias e biografias entre indivíduos em situação de rua.		
Pesquisador: Pedro de Andrade Calil Jabur		
Área Temática:		
Versão: 3		
CAAE: 15755913.7.0000.0030		
Instituição Proponente: PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS EM		
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio		
DADOS DO PARECER		
Número do Parecer: 330.731		
Data da Relatoria: 03/07/2013		
Apresentação do Projeto:		
Trata-se de Projeto de Iniciação Científica, orientado pelo Prof. Dr. Pedro de Andrade Calil Jabur.		
Participarão de sua equipe, além do próprio pesquisador, um professor e oito alunos de graduação.		
Hipótese: As diversas rupturas vividas por esse sujeito (tanto de forma ativa, como passiva, consciente e inconsciente) aparecerá em seu próprio discurso: em seus fragmentos de vida e vida em fragmentos.		
Objetivo da Pesquisa:		
Apresentado no parecer No.305250.		
Avaliação dos Riscos e Benefícios:		
Apresentado no parecer No.305250.		
Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:		
Não há.		
Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:		
Apresentado nos pareceres No.305250 e No. 320830.		
Endereço: Faculdade de Ciências da Saúde - Campus Darcy Ribeiro Bairro: Asa Norte CEP: 70.910-900 UF: DF Município: BRASÍLIA Telefone: (61)3107-1947 Fax: (61)3307-3799 E-mail: cepfs@unb.br		



Continuação do Parecer: 330.731

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

As pendências apontadas foram atendidas pelo pesquisador.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

BRASILIA, 10 de Julho de 2013

Assinador por:
Natan Monsoreo de Sá
(Coordenador)

Endereço: Faculdade de Ciências da Saúde - Campus Darcy Ribeiro
Bairro: Asa Norte **CEP:** 70.910-000
UF: DF **Município:** BRASILIA
Telefone: (61)3107-1047 **Fax:** (61)3307-3799 **E-mail:** cepfa@unb.br